



VIRGINIA DE CASTRO E ALMEIDA

LAWRENCE

E OS

ÁRABES

*OS ÁRABES E O SEU PROBLEMA
EM 1914 * MENTALIDADE BRI-
TANICA * LAWRENCE: A SUA
FORÇA E A SUA FRAQUEZA;
A SUA VITÓRIA E A SUA
DERROTA * A SORTE DOS ÁRA-
BES DEPOIS DO SEU SACRIFI-
CIO * MARTÍRIO DE LAWRENCE
* DOCUMENTAÇÃO.*

BIBLIOTECA
NACIONAL
DE PORTUGAL

41403 P.

LIVRARIA CLÁSSICA EDITORA



ÉTICA



RIGOR



AMIZADE



AJUDAR COM EMPENHO



EX-LIBRIS
EVA MARIA VON KEMNITZ

COLEÇÃO

GLÁDIO

NÚMERO TREZE

FIGURAS

NOTÁVEIS

COLECCÃO
GLADIO
NÚMERO TREZE
FLORES
NOTAVELIS

OPRAS DE

D. VIRGÍNIA DE CASTRO E ALMEIDA

Publicadas em Lisboa, na Typographia Nacional, em 1904.

Volume I. — Oração de casamento e outras peças.

LAWRENCE
E OS ÁRABES

Tradução de D. Virgínia de Castro e Almeida.

Publicada em Lisboa, na Typographia Nacional, em 1904.

Volume II. — Oração de casamento e outras peças.

Publicada em Lisboa, na Typographia Nacional, em 1904.

Volume III. — Oração de casamento e outras peças.

HG-
41403

LAWRENCE
E O S ARABES

OBRAS DE

D. VIRGÍNIA DE CASTRO E ALMEIDA

Nas casas editoras «Editions Duchartre», Paris,
e «Louis Desmet-Verteneuil», Bruxelles-Paris.

Anthologie des Grands navigateurs et colons por-
tugais du XV^e et du XVI^e siècles.

Vol. I — Chroniques de Gomes Eannes de Azurara. —
*La conquête de Ceuta et la découverte de
la Guinée.* — Préface du Maréchal Lyautey.
1 vol. in-8.^o, il.

Versão inglesa, casa editora G. Allen & Un-
win, Londres, com o título de *Conquests
and discoveries of Henry the Navigator.*

Vol. II — Chroniques de Ruy de Pina, Fra João Alvares,
Damião de Góis, João de Barros, etc. —
*Afrique du Nord, Congo, Cap de Bonne
Espérance, Ethiopie.* 1 vol. in-8.^o, il.

Vol. III — Chroniques de João de Barros, Damião de
Góis, Gaspar Correia, Garcia de Rezende.
— *La découverte de l'Inde par Vasco da
Gama.* 1 vol. in-8.^o, il.

Vol. IV — Chroniques de Damião de Góis, Gaspar Cor-
reia, etc. — *Découverte du Brésil. Débuts
du commerce et de la domination des mers
en Orient.* 1 vol. in-8.^o, il.

Vol. V — Chroniques de Garcia de Rezende, Gaspar Cor-
reia, Fernão Lopes de Castanheda, etc. —
*L'empire portugais d'Orient. Dom Francisco
d'Almeida, premier vice-roi de l'Inde.* 1 vol.
in-8.^o, il.

Vol. VI — Chroniques de Gaspar Correia, Castanheda, João
de Barros. — *L'empire portugais d'Orient,
Afonso d'Albuquerque.* 1 vol. in-8.^o, il. (no
prelo).

Vie de Camoens — Le poète des Lusiades et le Portugal de son temps. — Préface de Pierre de Lanux. 1 vol. in-8.º, il.

Todos estes volumes se encontram à venda na Librairie G. P. Maisonneuve, 198, Boulevard Saint Germain, Paris.

ooo

Últimas edições em Portugal:

Itinéraire historique du Portugal.

Texte de Virgínia de Castro e Almeida.

Notes de Fernando de Pamplona.

Ed. Comité Exécutif des Centenaires, 1940.

COLECÇÃO PÁTRIA

Série de *contos históricos para o povo e escritos na linguagem do povo. Romances de cordel* destinados pela autora a serem vendidos nas aldeias e feiras da nossa terra.

Estes fascículos são editados pelo Secretariado da Propaganda Nacional e ilustrados com gravuras coloridas em madeira por Pamela Boden. Terminada a colecção que compreende 44 fascículos, estes serão reunidos em volumes.

Obras da mesma autora recentemente publicadas na «Livreria Clássica Editora», Lisboa:

Ensaio de uma nova orientação na literatura infantil portuguesa:

História de Dona Redonda e da sua gente (Ilustrações de Tom).

Versão espanhola em edição de luxo na «Editorial Yunque», Barcelona.

Reedição de:

Céu aberto e Em pleno azul (Livros para crianças).

D. VIRGÍNIA DE CASTRO E ALMEIDA

LAWRENCE

E OS ÁRABES

INTRODUÇÃO

1943

LIVRARIA CLÁSSICA EDITORA
A. M. Teixeira & C.^ª (Filhos)
17, Praça dos Restauradores, 17 — LISBOA



LAWRENCE E OS ARABES

EDITORA CLASSICA EDITORA

A. M. Teixeira & C. Lda

Rua da Liberdade, 11-13

INTRODUÇÃO

1. Os Árabes.

Para contar a história de Lawrence é indispensável, em primeiro lugar, apresentar um resumo da situação dos povos de língua árabe que se encontravam sob o domínio turco em 1914, quando principiou a guerra.

Para maior clareza diremos que êsses povos se repartiam por três regiões: a Síria, a Mesopotâmia (incluindo o Iraque) e o Edjaz.

Síria — entre o Mediterrâneo e o Eufrates, das proximidades de Bagodá até ao deserto (1).

Mesopotâmia — região compreendendo os territórios situados entre o Tigre e o Eufrates, que se estende até ao rebordo do planalto do Irão. Forma hoje o reino do Iraque, colocado sob mandato da Inglaterra.

Edjaz — região da Arábia situada na costa do Mar Vermelho incluindo as cidades santas da Meca e de Medina.

A revolução turca de 1908 desenvolveu um movimento nacionalista que se intensificou rapi-

(1) A região atribuída à França sob mandato é muito mais limitada.

damente e alastrou pelos povos de língua árabe sujeitos à Sublime Porta. Entre os Árabes, que a dominação turca afrontava havia tanto tempo, acendeu-se a esperança de uma independência longamente desejada. A agitação manifestou-se sobretudo na Síria.

A França, que tinha uma vaga esfera de acção no Líbano e em Beirute, aproveitou a ocasião para promover em Paris uma reunião de alguns representantes destas regiões, reunião a que deu o nome pomposo de *Congresso Árabe*. Ali foram afirmadas as aspirações árabes de descentralização dos poderes turcos; e isto foi logo solenemente declarado à Turquia.

O Governo de Constantinopla, ao qual êste acontecimento veio revelar o interêsse que o problema árabe despertava noutras potências, achou conveniente tomar certas medidas tendentes à pacificação dos ânimos. Retirou de Beirute um Wali que irritara a população pela sua intransigência; chamou alguns Árabes influentes — e até reformistas notórios — a tomarem assento no Senado turco; distribuiu entre certos chefes descontentes empregos públicos bem remunerados. Assim acalmou de momento a efervescência, mas as verdadeiras reivindicações dos Sírios continuaram desatendidas.

A França vigiava atentamente estas coisas e preparava-se a tirar delas proveito. Pretendia ampliar e fortalecer o seu vago domínio na Síria onde — dizia Poincaré — tinha interêsses tradicionais que estava resolvida a fazer respeitar.

Em 1914 os nacionalistas sírios entenderam que o momento seria favorável a um levantamento. Mas os Turcos descobriram documentos comprovativos de entendimentos secretos com a França constituindo prova de traição. Desencadeou-se logo o severo castigo: uma ininterrupta

série de condenações à morte e à deportação; perseguições que duraram mais de um ano. Dêste modo as veleidades de independência da Síria foram aniquiladas mais uma vez.

Em 1916 a França e a Inglaterra chegaram a acôrdo sôbre um entendimento ou tratado chamado Sykes-Picot, do nome dos seus negociadores, que dava à França (do espólio a haver da Turquia no fim da guerra) o domínio sôbre tôda a costa síria e igualmente sôbre o interior do país, mas sob o disfarce de um protectorado. Quando muito mais tarde os nacionalistas sírios vieram a saber dêste entendimento, não ficaram satisfeitos. Em Março de 1920 reüniu-se em Damasco um congresso árabe que proclamou a completa independência da Síria e confirmou a proclamação de Feisal como rei. Era esta, bem claramente manifestada, a vontade do povo sírio, a quem os Aliados tinham prometido «a liberdade e a livre escolha do seu destino». Mas agora, desde que o exército turco deixara de ser uma ameaça e o auxílio dos Árabes se tornara desnecessário, a resposta dos Aliados à afirmação da vontade síria foi um ultimato francês logo seguido por uma invasão militar que teve como resultado fácil a vitória dos invasores, a fuga do rei Feisal e a entrada em Damasco das tropas francesas.

O xerife Hussein, emir da Meca, descendente directo de Maomé, gozava de um grande prestígio entre os Árabes e o seu poder estendia-se sôbre o Edjaz e abrangia muitos chefes e tribos guerreiras entre as quais fermentava a idéia de revolta contra os Turcos e da conquista da independência. Os Ingleses, sobretudo por meio do seu *Intelligence Service*, animaram e fomentaram essas idéias, aconselharam Hussein a desencadear

a revolta e prometeram-lhe solenemente, em troca, todo o auxílio britânico para a conquista da independência árabe. Esta promessa teve, porém, lugar depois da assinatura do entendimento Sykes-Picot atrás mencionado. Hussein, ignorando êsse entendimento, aceitou de boa fé o auxílio inglês, e, fiado na promessa britânica, deu as suas forças, assim como as dos seus filhos, à revolta que devia libertar os seus e que foi afinal o factor decisivo da vitória inglesa.

Quando a Turquia entrou na guerra, Cox, o residente político inglês no Gôlfo Pérsico, dirigiu uma proclamação aos chefes árabes explicando que os seus opressores tomavam parte no conflito a instâncias da Alemanha e prometendo a todos os povos que se abrigassem sob a protecção britânica a garantia absoluta da sua liberdade política e do seu culto religioso.

Em Novembro de 1914 tropas inglesas entraram na Mesopotâmia (Iraque) acompanhadas por uma nova proclamação de Cox, anunciando que o domínio turco deixara de existir e que a Inglaterra vinha agora em auxílio dos povos árabes, como amiga e protectora. A população, que vivera dias de terror e de pânico sob a ameaça da invasão turca cujos sangrentos efeitos já se tinham feito sentir, aclamou as tropas inglesas.

Comandando regimentos indianos e forças árabes, os Ingleses empreenderam o avanço até Bagodá. As coisas correram bem ao princípio, mas depois as dificuldades foram aumentando. Surgiu a derrota dos Britânicos em Kut e outros graves contratemplos; e os Ingleses abandonaram a campanha da Mesopotâmia, aguardando momento mais favorável para a continuar; entretanto, dirigiram as suas actividades sobre objectivos menos arriscados. Só em 1918, depois da

assinatura do armistício, as circunstâncias se tornaram convenientes; a resistência turca terminara.

Tendo ocupado os territórios que ambicionavam, os Governos da Inglaterra e da França dirigiram às populações árabes uma generosa proclamação explicando o fim dos Aliados relativamente aos povos árabes. Esse fim era o seguinte:

A libertação definitiva e completa dos povos que, durante tanto tempo, tinham sido oprimidos pelos Turcos; e o estabelecimento de governos e administrações nacionais, derivando a sua autoridade da iniciativa e livre escolha das populações.

Porém esta sedutora perspectiva provocou a desconfiança dos Árabes. Uma liberdade organizada por estranhos e contrária aos costumes e tradições nacionais não pareceu desejável aos interessados. A independência pela qual durante anos e à custa de tantos sacrifícios e sangue derramado tinham lutado nobremente, não se adaptava a regras e leis impostas por gente de outra raça e de outra fé.

Em breve estalou a revolta: mas a revolta já não era favorável aos Ingleses e, portanto, não cabia na concepção britânica de *liberdade*. O Governo inglês chamou-lhe *rebeldia* e sufocou-a pela força.

Em 1921, o xerife Feisal (que, desde a sua fuga da Síria, tinha sido hóspede dos Ingleses) apresentou a sua candidatura ao trono do Iraque e foi aclamado pela população. O Governo britânico permitiu que Feisal cingisse a coroa do Iraque, mas *com a condição do seu governo ser constitucional, representativo e democrático*, isto é, com a condição do rei representar apenas o simulacro de um poder que, na realidade, o Governo britânico detém em absoluto pelos meios

bem conhecidos que os regimes democráticos lhe fornecem.

Não contente com isto, o Governo britânico desejou mostrar-se ainda mais magnânimo e prometeu ao Iraque a prova suprema da sua independência: um lugar entre as nações-membros da Sociedade das Nações. Sendo, porém, indispensável, para tal honroso fim, que o Iraque tivesse meios próprios de defesa militar, condição rigorosamente exigida a todos os membros da instituição de Genebra, o Governo britânico veio mais uma vez em auxílio do Iraque, organizando o seu exército sob as ordens de oficiais ingleses e sob a protecção da *Royal Air Force* que, além dos seus aviões vigilantes, ali dispõe de várias secções de carros blindados. Assim ficou assegurada a *independência* do Iraque.

Em resumo:

Desde o princípio da guerra (1914), os Árabes lutaram pela sua independência.

Em 1916, sem conhecimento dos povos árabes interessados, a França e a Inglaterra assinaram o *agreement* Sykes-Picot sobre as suas pretendidas esferas de acção na Turquia. Este *agreement* dava à Inglaterra uma área que incluía Haifa, uma boa parte da antiga Mesopotâmia e o Iraque, isto é, toda a riquíssima região mineira e petrolífera. A França ficaria com a Cilícia, o sul da Arménia e a Síria.

Depois de assinado este documento secreto, os Ingleses instigaram Hussein, emir da Meca, à revolta, garantindo-lhe o apoio britânico e prometendo-lhe a completa independência dos povos árabes para depois da guerra.

Terminada a guerra, todas estas questões de partilhas do espólio entre os vencedores, depois de terem passado por várias conferências e co-

missões internacionais, vieram a cair sob a alçada da Sociedade das Nações. Os países de língua árabe arrancados à Turquia foram entregues, sob mandato, à administração da França e da Inglaterra (1). Esta última arrecadou a parte de leão: o melhor da Mesopotâmia, o Iraque, a Palestina. A França teve de se contentar com a Síria e o Líbano.

Dêste modo acabou o sonho de independência dos povos árabes depois de sacudirem o jugo da longa dominação turca.

Só escapou o Nedjed, vasta região da Arábia Central e Oriental, governado pelo seu grande chefe Ibn Saúd, homem de forte vontade e clara inteligência, que se defendeu sozinho contra os Turcos e evitou sempre com habilidade a protecção e a colaboração de estrangeiros para o estabelecimento real da sua independência. Já depois do armistício, não contente com o seu extenso e poderoso reino do Nedjed, Ibn Saúd atacou Hussein e em seguida Alí, seu filho e herdeiro, e, escorraçando-os do Edjaz, tomou conta de toda essa região, com as cidades santas da Meca e de Medina, sem que os Ingleses fizessem o mínimo gesto de auxílio em favor dos que tão eficazmente os tinham ajudado e aos quais toda a protecção britânica tinha sido assegurada.

Podemos talvez concluir este imperfeito resumo com um axioma:

(1) *Mandato* é um simulacro criado pela Sociedade das Nações: uma máscara simpática e risonha que encobre o rosto carrancudo da palavra *posse* e o seu carácter definitivo e inalienável. Em termos mais subtis é esta a significação dada à palavra *mandato* pela *Enciclopédia Britânica*.

Nenhuma nação conquista a sua independência verdadeira senão pela sua iniciativa própria e pelo seu esforço exclusivo.

2. Os Ingleses.

E agora é preciso traçar um esquema do meio em que Lawrence nasceu e foi educado e que tão indelévelmente o marcou. A sua personalidade é feita de retalhos: retalhos de santo, de poeta, de herói, de mártir, de céptico, de estóico; retalhos de ambição, de orgulho, de humildade, de sinceridade, e outros. Tudo isto junto, passado no cadinho da vida extraordinária que foi a sua, podia ter dado essa imagem de beleza e de poder a que aspirava. Mas faltou-lhe a fôrça. A meio caminho, vencido pelos ventos dominantes da época, principiou a dividir, a analisar, a classificar, a dissecar os retalhos; e perdeu-se num fluxo de amargura.

Lawrence, ao vir a êste mundo, enganou-se no tempo e no lugar. Devia ter nascido no século XVI e num país latino.

Bem sei que a procura da perfeição através da imperfeição é a sorte de nós todos; mas para a imensa maioria dos mortais êsse anseio é inconsciente e toma formas e direcções contrárias, mesquinhas, absurdas, tão embrulhadas nas tentações fáceis dos interêsses materiais, que tôda a sua origem e fins transcendentés se perdem na densa névoa de illusões que envolve êste mundo. Há, porém, de tempos a tempos — como se Deus dêsse modo nos quisesse ensinar, prender a nossa atenção à realidade que esquecemos — um ser humano cuja vida traça de forma visível e clara a trajectória que todos tão confusa e imperfeitamente descrevemos.

Supunhamos uma planície a perder de vista, abrangendo o espaço e o tempo, literalmente coberta por infinita multidão de homens de todos os tipos, dos mais atrasados e ínfimos aos mais avançados e perfeitos, e cada qual ocupado e absorto pela labuta ou sonho que constitui o seu destino.

Supunhamos que sôbre um môro, dominando essa planície, surge um arcanjo; e que o arcanjo, estendendo o braço, aponta e chama um homem entre os homens inúmeros, e lhe diz:

— Tens que resumir, que sintetizar numa curva simples, nítida, luminosa, a verdadeira trajectória do espírito através da matéria. Serás um aviso, um sinal, um exemplo da realidade elevando-se acima da confusão e do caos das ilusões acumuladas. —

Supunhamos que o homem assim escolhido aceita a missão, e que, não lhe tendo o arcanjo dado poderes sobrenaturais, êle só pode contar com a vontade própria, com a força própria para rasgar os véus que lhe encobrem a verdade, para quebrar as correntes que o prendem à terra.

Foi o caso de Lawrence; mas faltou-lhe a fé que transporta montanhas.

Lawrence não foi compreendido pelos da sua raça. Perdeu-se no caos de um mundo que desaba arrastando os valores penosamente criados e sôbre os quais se elevava a sua grandeza.

Os gordos rebanhos que cobrem as melhores pastagens da terra e as fecundam e as devoram não vêem o vôo das andorinhas nem ouvem o canto dos rouxinóis.

Vivemos numa época de refluxo. Vivemos no côncavo do marulho; ignoramos o que se passa na crista das vagas.

Um sinal dos tempos é o estigma lançado pe-

los Ingleses sôbre os assuntos transcendentales. Os assuntos transcendentales apenas são permitidos aos sábios e aos estudiosos no segrêdo dos seus gabinetes de trabalho. São considerados de muito mau gôsto nas conversas correntes. Mencionar a alma e descobri-la, provoca troças, desdêns ou escândalo, como mencionar ou descobrir qualquer peça de vestuário íntimo.

O Inglês interessa-se por corridas de cavalos e joga com paixão nas apostas; interessa-se pelo *foot-ball* e outros desportos violentos; e bebe muitíssimo. Nas classes mais altas domina o gôsto pelo *golf* e pelo *bridge*, e a imprescindível necessidade de alcool em tôdas as circunstâncias: *whisky* para acudir a accidentes, para dissipar ou atenuar tristezas ou cuidados, para fazer cintilar alegrias, para concluir um negócio. Não há reunião íntima ou mundana sem *cock-tails* ou *whisky*. *Cock-tails* e troça. Troçar de tudo: Deus, família, amor, boas maneiras, virtude, cortesia, tudo que é sagrado, tudo que os homens construíram através de séculos e séculos de experiência, rija muralha a separá-los e a defendê-los da animalidade. O riso, essa alegre e inocente fogueira de S. João, transformou-se em incêndio de floresta, devastador, ateado pelo sôpro de Satanaz; porque a troça é o elemento de destruição mais eficaz, mais rápido, mais fácil de manejar, ao alcance de todos os imbecis. No entanto há coisas que entre os Ingleses ainda se conservam ao abrigo da troça: a pesca, a caça, os jogos e os negócios. Estas coisas absorvem a vida do Inglês moderno. Fica-lhe pouco tempo para pensar. A meditação, a concentração do espírito são gostos que, se existem, se escondem. Um homem conquista a admiração do seu semelhante pelo facto de ganhar muito dinheiro, de ter habilidade e sorte nos negócios. O negócio; o Inglês é,

sobretudo, e sempre foi, um negociante. Primeiro, um negociante honesto; depois, com a expansão e o desenvolvimento vertiginoso do comércio, a sua moral, dantes exemplar, adaptou-se aos processos modernos.

O Inglês considera a sua raça superior a tôdas as raças do mundo. Todos os outros povos, sem excepção, lhe são inferiores. O que o Inglês faz, é bem feito: os outros erram, porque procedem de modo diferente. Se procedem de modo diferente, o Inglês censura-os e, quando pode, castiga-os. Se o imitam, o Inglês despreza-os. No fundo do seu ser, despreza tudo que não é inglês. Dizer-lhe que é igual a um Francês, é ofendê-lo. Pode ser condescendente com um estrangeiro, mas nunca se considera seu igual.

Este sentimento profundo e inabalável fêz a grandeza do Império britânico. O Inglês construiu o seu Império usando todos os meios e certo, certíssimo, de ter sempre razão. Quanto mais fracos os povos a vencer, maior e mais firme a razão do Inglês: povos fracos precisam sempre da protecção britânica e, em troca, dão-lhe as suas riquezas. Isto é justiça porque o Governo de Sua Majestade sabe sempre melhor o que convém aos outros; e a êle incumbe decidir.

Isto é a fé dos Ingleses. Uma fé arreigada nas suas almas, muitas vezes até ao fanatismo. Os povos moral e mentalmente fracos aceitam a superioridade inglesa que lhes é imposta. As reacções dos fracos perante os fortes são o medo, a submissão, a admiração e a imitação. Este fenómeno observa-se com frequência entre os animais domésticos: e vê-se invariavelmente que a resposta dos dominadores a estas reacções é a satisfação e o desprezo.

Certos povos recalcitrantes perante a impo-

sição da superioridade inglesa, julgam que a Inglaterra é pérfida. Chamam-lhe *Pérfida Albion*. Mas a Inglaterra não é pérfida. Se usa de traição e de mentira, é porque está sinceramente convencida do seu direito de usar seja de que meios fôr para alcançar o seu fim. O seu fim é o engrandecimento cada vez maior do poder britânico sôbre o mundo inteiro, *para bem do mundo inteiro*. Certíssimo da inferioridade do resto da humanidade em relação a êle, o Inglês crê com absoluta candura no indiscutível benefício do seu domínio sôbre os outros povos e considera os que não se deixam dominar e pretendem opôr o seu poder ao poder britânico, como desvairados ou criminosos que é preciso vencer e trazer, a bem ou a mal, ao caminho direito da submissão.

No entanto, como quási sempre sucede no vaivém dos valores sôbre a terra, onde nada é estável e tudo continuamente se transforma, essa mesma fé britânica que fêz a grandeza do Império, agora a pouco e pouco se vai transformando em agente destruidor dêsse mesmo Império. Chegado ao apogeu do seu poder, o Inglês foi perdendo as virtudes que a sua fé criara. Viu-se tão alto, tão poderoso, julgou-se tão invencível, que, insensivelmente relaxou a sua tensão. Foi perdendo coerência, foi-se corrompendo nos seus costumes, nas suas tradições, na sua própria fé. O seu prestígio diminuiu porque se viu obrigado, para mantê-lo, a lançar mão de ardis, de fingimentos de superioridade já gasta e vacilante.

Nos tempos do apogeu e até aos fins da era vitoriana, pode dizer-se afoitamente que não havia um único súbdito inglês que não estivesse animado de fé ardente e total na superioridade da raça e portanto no direito divino de governar o mundo, na missão de proteger e dirigir a huma-

nidade inteira. Isto desde os altos dirigentes até à mulher a dias, até ao comerciante instalado em país estrangeiro e mandando como em sua casa, até ao viajante excêntrico que percorria o mundo como proprietário dando uma vista de olhos às suas fazendas.

O espírito inglês é simplista. A concepção da sua superioridade e do seu benéfico poder subia para as alturas de uma intangível estabilidade por meio de recta sem falhas possíveis e que o puritanismo fortalecia. Mas hoje as coisas mudaram. Há muitos ingleses que duvidam. Há muitíssimos — a grande maioria — que perderam tôdas as crenças religiosas e com elas o culto da família e muitas virtudes preciosas. Enquanto o liberalismo foi uma aparência por detrás da qual tôdas as tradições se mantinham, e a fé na superioridade da raça juntava todos os Ingleses numa vasta, poderosa e inexpugnável sociedade secreta, êsses valores impunham a cada um o respeito de si mesmo, o dever de dar constantemente ao mundo o exemplo da perfeição, e um sentimento da responsabilidade que era um baluarte contra qualquer veleidade de desvario. E a austera opinião pública fazia um policiamento exemplar.

Afinal, a segurança gerou o relaxamento. A segurança e a prosperidade conduzem fatalmente ao relaxamento. Mas desta lei — cujos exemplos se repetem a perder de vista pelo espaço da História, — nunca os interessados têm a premonição. O declive é ao princípio tão imperceptível! E, quando o plano se inclina mais, logo começa a confusão e já não há deter a derrocada dos valores criados para a ascensão. Porque: «Deus endoidece aquêles que quere perder».

Lawrence fez esta confissão reveladora no seu estrangeiro livro *Seven Pillars of Wisdom*:

«Nós, Ingleses, que vivíamos havia tantos anos no estrangeiro, andávamos sempre vestidos com o orgulho da nossa lembrada pátria, essa estranha entidade da qual os habitantes não constituíam parte integrante, pois aquêles que, entre nós, mais amavam a Inglaterra, eram muitas vezes os que menos amavam os Ingleses...».

A estrêla da fé na superioridade da sua raça guiou Lawrence na primeira parte da sua vida. Sobre essa fé construiu o edifício das suas esperanças, dos seus sonhos, das suas ambições; sobre ela elevou a tôrre das suas virtudes; dela alimentou o seu orgulho. Nenhuma outra estrêla o alumiaava. Era filho de uma época materialista, céptica. Dotado de uma inteligência onde por vezes refulgiam relâmpagos de gênio, mas torturado por essa ânsia mórbida de análise — sobretudo introspectiva — que tem sido um dos mais devastadores agentes da loucura moderna, Lawrence foi vencido, afinal, pelo martelar incessante das suas deceptivas experiências.

A tragédia de Lawrence é a perda da sua fé; o afastamento gradual da sua estrêla até desaparecer nas regiões invisíveis do infinito. Quem ler o seu livro desigual e muitas vezes admirável, escrito segundo as notas tomadas sobre o joelho no decorrer da sua vida aventureira e tão curta, verá o caminho descido desde as alturas da certeza e do entusiasmo até ao abismo da desilusão e do abandono de toda a esperança. Não há nada mais dilacerante do que as páginas intituladas *Myself*, essa desolada e confusa análise da própria alma devastada, êsse grito do solitário vencido pela esterilidade do seu deserto espiritual, essa ânsia de humildade à procura de luz no meio das suas trevas. Assim foi interrompida a trajetória que o arcanjo lhe mandara descrever,

porque Lawrence reconheceu que a amarra à qual se prendera já não passava de uma aparência. Mas essa aparência é quanto basta ainda aos seus compatriotas; por isso Lawrence passou entre êles, não como um aviso e um sinal, mas como um simples meteoro cujo significado ninguém entendeu.

Quinta da Marinha — Agosto de 1942.

VIDA E AVENTURAS
DE LAWRENCE

**VIDA E AVENTURAS
DE LAWRENCE**

THOMAS EDWARD LAWRENCE nasceu no ano de 1888. A sua família era originária do Leicestershire de onde um ramo se destacou para Dublin e daí passou a Oxford. Lawrence era o segundo de uma irmandade de cinco. Fêz os seus estudos em Oxford, na *High-school* e no *Jesus College*. Em 1910 obteve o seu diploma na Universidade com alta classificação, tendo-se especializado em história moderna.

Tinha então vinte e dois años. Era de baixa estatura, loiro e de olhos azuis. Não se impunha nem pela perfeição da figura nem pela beleza do rosto, mas quem o visse uma vez não podia mais esquecer o seu olhar onde brilhava a chama da inteligência e de uma invulgar determinação.

Era sério, estudioso; passava o tempo a ler, e lia e assimilava o que lia com espantosa rapidez. Reservado e taciturno, dava-se com pouca gente. Sem êle querer nem saber, a sua personalidade marcava-se pelo cunho de uma autoridade innata. Impunha o respeito sem o solicitar. Inspirava o desejo de obediência. Tinha em si, ainda ignorada de si próprio, a predestinação fatal do comando, êsse mágico dom ao qual tantos aspiram e que só a bem raros é concedido, êsse promontório escarpado contra o qual a tempestade das vaidades e das ilusões humanas atira e despedaça tantas ambições e que só os eleitos de Deus conseguem escalar para fins misteriosos cujos resultados e razão só mais tarde, na pers-

pectiva fria do tempo decorrido, a pouco e pouco se descobrem.

Como todos os espíritos verdadeiramente ricos, o de Lawrence era versátil. Tendo-se especializado em história moderna, interessava-se agora pela arquitectura medieval das Cruzadas. E como no seu ser ardente cada interêsse despertado tomava logo uma intensidade extrema, o seu desejo de ver, de estudar êste novo elemento que o atraía, resolveu-o a partir para a Síria. Não tinha recursos e não os pediu a ninguém. Era pobre e como pobre viajou longamente, a pé, só ou na companhia de pobres. Assim principiou a tomar conhecimento directo, íntimo com os povos árabes e a aprender a sua língua sob a forma mais corrente e idiomática. Gradualmente foi-se prendendo, identificando com aquela gente tão diferente da sua gente. Vivia como êles, vestia-se como êles. Aprendeu a entender e a amar as suas almas livres, a nobreza dos seus códigos, a transparência das suas argúcias, aquela estranha mistura de impulsividade apaixonada, de ingenuidade infantil e de profunda e secular sabedoria. Observou que os Árabes sabiam dominar-se, sabiam guardar e esconder o tumulto das paixões sob a rigidez das fisionomias impassíveis, tal qual como os Ingleses; mas as paixões e a impassibilidade tinham outros motivos, obedeciam a outros princípios. Era um mundo diferente.

Essa diferença era tanto mais surpreendente para Lawrence pelo facto dêle ter passado, sem transição, do meio inglês onde nascera e fôra criado, para o meio dos povos árabes. Não se demorara em nenhum outro país, não tomara conhecimento com a diversidade dos outros povos da Europa. Dera um salto mortal através do espaço e do tempo, de um mundo para outro mundo.

Depois dêste primeiro e tão importante contacto, a familiaridade de Lawrence com os homens e a língua das regiões por onde andara, juntamente com o seu crescente interêsse pela arqueologia, chamaram sôbre êle a atenção de D. G. Hogarth. Este sábio resolveu convidá-lo para tomar parte na expedição que estava organizando com o fim de proceder a certas escavações em Carchemish, na região do Eufrates.

Auxiliado por um subsídio do *Magdalen College* de Oxford, Lawrence partiu com Hogarth em 1911 e com êle trabalhou durante três anos. No correr dêsse tempo aproveitou tôdas as ocasiões que se lhe apresentaram para explorar a Síria e a Mesopotâmia, viajando conforme podia, às costas de camelos, a cavalo, a pé, sem preocupações de facilidades ou de conforto, só ou na companhia de gente da terra, aperfeiçoando-se na prática da língua, enrijando o corpo e o espírito contra a dureza das circunstâncias. Tomando o exemplo dos Árabes, chegou mais tarde a andar descalço até poder fazê-lo sem dificuldade, a comer muito em vésperas de jejuns forçados durante marchas no Deserto, a ficar sem comer dois e três dias, a dominar a sede até ao máximo limite, a sujeitar o corpo cada vez mais à vontade do espírito.

No inverno de 1913-14 foi incumbido de certos trabalhos por conta do *Palestine Exploration Fund*, sob as ordens do coronel Newcombe, funcionário do Ministério da Guerra da Grande Bretanha. Tratava-se de um serviço de observação no norte do Sinai. Assim Lawrence alargou ainda mais o campo das suas explorações, dos seus conhecimentos geográficos e étnicos daquelas regiões, e, sobretudo, se intensificaram os seus estudos e a sua assimilação da psicologia dos habitantes. A sua presença entre os Árabes

não passava despercebida. A sua forte personalidade impressionava e atraía os homens, inspirava-lhes confiança e admiração. Conhecendo-o e ouvindo-o, eram envolvidos na aura de poder e de autoridade que de todo o seu ser emanava. Lawrence vestia-se como êles, falava como êles, interessava-se pelos seus interesses, entendia os seus sonhos e os seus gracejos. E com a fôrça irresistível da sinceridade e do amor que as suas almas simples descortinavam na alma do seu amigo, a pouco e pouco perdiam tôda a desconfiança que o estrangeiro lhes inspira, fiavam-se na lealdade e firmeza da sua palavra e reconheciam a sua autoridade.

Foi assim que Lawrence, tendo começado a sua vida com tendências e gostos que pareciam dever prendê-lo ao estudo e à meditação no calmo isolamento de um gabinete de trabalho, se viu irresistivelmente levado para uma vida de nómada, rodeado de amigos de outra raça, sôbre os quais a sua responsabilidade crescia através de circunstâncias bravias e de contínua acção.

Até aqui é só o aprendizado, o noviciado, a primeira parte da iniciação de Lawrence, período precursor da sua entrada na existência aventureira de lutas, de sobrehumanos esforços, de tentações e de martírio que Deus lhe reservava. Até aqui o seu coração conserva-se puro e intacta a integridade da sua alma. Avança como Siegfried, descuidado e livre, atirando o mêdo para trás das costas «como se fôsse um torrão de terra».

Quando em 1914 rebentou a guerra, Lawrence não foi admitido ao serviço militar porque a sua estatura não atingia a medida exigida aos sol-

dados britânicos. Deram-lhe um pòsto na secção geográfica do Ministério da Guerra. Porém, poucos meses depois, logo que a Turquia se levantou ao lado da Alemanha, Kitchener mandou-o para o Egito como membro de uma secção ainda embrionária de *Intelligence Service* militar.

Os homens que trabalhavam com Lawrence no Cairo eram Ingleses de boa qualidade, conscienciosos e dedicados ao cumprimento dos seus deveres. No entanto não havia entre êles a coesão de idéias nem a capacidade de organização necessárias à eficácia do seu trabalho. Eram especialistas e, de resto, faltava-lhes o apoio e a direcção superiores. Lawrence descreve-os com bom humor:

Storrs, o mais brilhante de todos, dispersava a sua energia pelos meandros do seu ecléctico amor por tôdas as artes. Lloyd, inspirava confiança a todos como bom administrador, mas a sua alma inquieta «era mais ávida de experimentar que de persistir». Clayton, o chefe, realizava o tipo do condutor de «homens desordenados e bravios que nós eramos». Sykes, «era o imaginativo advogado de hipotéticos movimentos do mundo. As suas idéias eram exteriores e faltava-lhe a paciência para experimentar antes de empreender a construção». E havia outros, mas nem os homens nem os serviços tinham a fôrça e a organização indispensáveis à obra que deviam fornecer. Já se notavam grandes falhas na máquina inglesa. Lawrence, educado na fé da superioridade da raça, começou no Cairo a subir o calvário das suas desilusões.

Alguns Ingleses, que tinham Kitchener por chefe, imaginaram que uma revolta do mundo árabe contra os Turcos tornaria mais fácil e económica a vitória britânica sôbre a Alemanha e a Turquia. O *Intelligence Service* do Cairo estava

encarregado de fomentar êsse movimento. Tal emprêsa agradava muitíssimo a Lawrence. Vira de perto e a fundo quanto o domínio turco pesava duramente sôbre as populações árabes que aprendera a amar. Fiava-se ainda na promessa britânica feita a Hussein, xerife da Meca, de que, terminada a guerra, os Ingleses ajudariam os Árabes a estabelecer de modo definitivo a sua independência.

Pensaram então os Ingleses que a Mesopotâmia era um meio propício para ali estabelecessem o núcleo da revolta. Kitchener esboçou um entendimento com um chefe, rival de Enver e credor dos Ingleses. Julgava assim atrair para o seu campo as forças turcas da Mesopotâmia. Porém as negociações foram mal conduzidas. Os Ingleses, confiando demais no seu prestígio, empregaram métodos pouco flexíveis. Possuindo um serviço de informação deficiente, defeituoso, persuadiram-se de que a vitória sôbre os Turcos era coisa fácil, demandando pouca atenção e pouco esforço. Como as negociações falhassem, os Ingleses empregaram a força. Conduzindo tropas indianas, avançaram, animados por uma série de êxitos fáceis, até que esbarraram com o exército turco bem organizado e foram completamente derrotados em Kut.

Mandaram então Lawrence à Mesopotâmia, a fim de estudar a situação e descobrir-lhe remédio. Lawrence entendeu que as condições ainda podiam ser favoráveis se fôsem aproveitadas com habilidade e inteligência. Mas os elementos ingleses que ainda se encontravam na Mesopotâmia receberam-no com hostilidade e desprezaram os seus alvitres. Insistia Lawrence em que se tornassem públicas as promessas inglesas de auxílio ao movimento dos Árabes para a sua independência. Mas êste conselho foi mal recebido;

e Lawrence, vendo a inutilidade dos seus esforços, voltou para o Egito.

Clayton, o chefe do *Intelligence Service*, percebendo que o comando militar se persuadira enfim de que a guerra contra os Turcos não era tão fácil como imaginara, manobrou habilidosamente para que recomeçassem as negociações com o xerife da Meca, Hussein. Porém logo se levantou contra êle, e contra McMahon que o ajudava, uma campanha de ciúmes profissionais. O poder militar insurgia-se contra a interferência dos funcionários civis. Lutas mesquinhas, ciúmes e intrigas de senhoras vizinhas, sobrepunham-se ao interesse da pátria. Os generais trataram de aniquilar as diligências do *Intelligence Service* em vez de as aproveitar; reduziram em breve êsse serviço ao campo restrito de uma estéril burocracia.

Lawrence descreve assim o espírito desordenado e mesquinho dos seus compatriotas nessa altura da guerra:

«... Alguns pareciam ofender-se com uma guerra que permitia a estranhos intrometer-se onde não eram chamados. Por outro lado o seu treino de dissimulação (único meio usado para dar às trivialidades diárias da diplomacia uma aparência de trabalho viril) estava nêles tão arreado que, quando as coisas realmente importantes se apresentavam, logo êles tratavam de as fazer passar por triviais. As suas fraquezas, as mesquinhas deslealdades de uns para com os outros, provocaram nos militares irritações que iam até ao nojo; e eram também más para nós pois abrangiam o Alto Comissário cujas botas os Generais não eram dignos de engraxar...

«Em todo o caso, as coisas no Edjaz iam de mal a pior. Nenhuma ligação eficaz era dada às forças árabes em campo, nenhuma informação

atingia os xerifes, nenhum conselho de tática ou de estratégia era sugerido, nenhuma diligência se fazia para estudar as condições locais e adaptar às necessidades dos Árabes os recursos em material de que os Aliados dispunham...» (1).

No meio de tantas contrariedades e graves desilusões, Lawrence não desanimava. À medida que a sua fé se apagava, crescia o seu desejo de quebrar correntes de obediência e de disciplina, e a sua personalidade de chefe impunha-se-lhe como uma necessidade e um dever.

Clayton, o director estimado e competente do *Intelligence Service* no Cairo, foi destacado para outra secção; e o coronel Holdich, tomando o seu lugar, tratou logo de limitar as actividades de Lawrence a um trabalho exclusivamente burocrático. Era a maneira de o suprimir. A inteligência, os conhecimentos, a iniciativa e a autoridade de Lawrence ofuscavam e incomodavam as regiões superiores, cuja ignorância e incompetência não queriam ser perturbadas.

Lawrence não se conformou. Não conseguindo obter por meios legais a transferência que desejava para um campo de acção onde o seu esforço e capacidades fôsem aproveitados, tratou de obter por habilidade e manha o que por meios directos lhe negavam. Foi-se tornando cada vez mais intratável, mais desagradável aos funcionários ingleses do Canal, no Cairo, e, quando viu quanto a sua presença chegara a ser-lhes insupportável, pediu uma licença que logo lhe foi gostosamente concedida. Verem-se livres dêle era um alívio. Lawrence conseguira o seu fim.

Na companhia de Storrs, que partia para Jiddah

(1) *Seven pillars of Wisdom*, por T. E. Lawrence. Ed. Jonathan Cape. 30 Bedford Square. London, 1935.

em missão, Lawrence embarcou e foi navegando pelo Mar Vermelho com bem poucas tenções de voltar ao Egito e determinado a manter o pulso livre de algemas burocráticas. Storrs, pelo seu lado, rico de imaginação e de fantasia, também por êsse motivo não gozava das simpatias do quartel general do Cairo. Afastavam-se portanto os dois alegremente do Egito; Storrs, com um sentimento alado de colegial em férias; Lawrence, resolvido a começar vida nova, livre de sujeições. Foi para ambos uma viagem divertida. Para Lawrence, talvez o último prazer simples e des-cuidado da sua vida.

Ia cheio de esperanças. Depositava uma confiança ilimitada no êxito final da revolta árabe se esta fôsse convenientemente amparada e dirigida, e estava determinado a entregar-se de corpo e alma a essa tarefa, convencido de servir dêsse modo não só a sua pátria mas também os interêsses vitais dos povos árabes, aos quais o seu coração tão fortemente se prendera.

Pouco mais tinha então de vinte e seis anos. Ainda que a fôrça do seu carácter e a ponderação do seu espírito se coadunassem com uma idade mais avançada, a sua mocidade, apesar de tudo, triunfava naquela hora. Trasmordava de optimismo, tinha a certeza de vencer sôzinho, pela fôrça da sua iniciativa, pelos resultados inesperados da sua acção livre, a relutância e as hesitações dos seus superiores e de os forçar, pela sua autoridade vitoriosa, a prestarem às hostes do Deserto o auxílio material indispensável. Fé, entusiasmo, certeza de vencer: coroa de estrêlas da mocidade que lhe fervia no sangue. E ambição também; uma furiosa ambição nascida em grande parte do confronto, no espelho da sua alma orgulhosa, entre a sua firme consciência de

poder, a sua condição subalterna e o seu corpo insignificante que o humilhava.

Nas últimas páginas do seu livro célebre *Seven pillars of Wisdom*, faz com o coração quebrado um amargo exame de consciência e diz, referindo-se a este período da sua vida, que prometera a si mesmo alcançar um título e a patente de general aos trinta anos.

Quando Lawrence chegou a Jiddah, os seus planos estavam feitos, a sua resolução tomada. Visto que os Ingleses tinham deixado perder a ocasião na Mesopotâmia, tôda a esperança de Lawrence se voltava agora para os povos submetidos ao xerife da Meca. Hussein, descendente directo do Profeta, gozava de um grande prestígio e a sua voz levantaria multidões. Mas não se podia contar muito com êle: estava velho, faltava-lhe a energia, a rapidez de pensamento, o atrevimento necessário para empreender e dirigir emprêsas súbitas e arriscadas. Hesitava, desconfiava, servia-se de subterfúgios para ganhar tempo. Tinha, porém, três filhos: Abdulá, Ali, Feisal, todos três poderosos chefes de tribos, todos três dispendo de muitíssimos e excelentes guerreiros. Certo de que a primeira condição do êxito da revolta residia na escolha de um bom chefe, Lawrence resolveu visitar e sondar êsses filhos de Hussein, na esperança de que algum dêles pudesse vir a ser o «Profeta armado» capaz de guiar as hostes árabes até à meta da independência.

Wilson, o cônsul inglês em Jiddah, recebeu Storrs e Lawrence com rigidez. «Era um desses Ingleses honestos», diz Lawrence, «feitos de uma peça só, e desconfiava de Storrs por causa dos seus gostos artísticos». No entanto lá se dispôs a ajudá-los e a preparar a sua entrevista com Abdulá.

Abdulá veio ao encontro dos Ingleses montado numa esplêndida égua russa e rodeado de escravos. Lawrence não teve muito boa impressão d'êlé; não realizava a sua idéia de chefe para um tal movimento. Era alegre demais, risonho demais. Apesar de ter só trinta e cinco anos começava já a engordar como quem dá lugar demasiado aos prazeres sensuais. Através desta bonomia descortinava-se a desconfiança e a manha, qualidades sem dúvida necessárias a um chefe mas que não se devem poder ver por transparência.

De Jiddah, Lawrence encaminhou-se para Rabegh, onde visitou outro filho de Hussein, Ali. Simpatizou muito com êle. Delgado e de média estatura, sisudo, parecia mais velho de que os seus trinta e sete anos. «As suas maneiras eram as de um homem agradável, consciencioso, mas sem grande fôrça de carácter, cansado...». Tuberculoso, a doença deixava-o indefeso contra os ataques de cólera, contra a sem razão da teimosia. Não. Ali não era ainda o chefe que Lawrence procurava.

Resolveu, pois, Lawrence prosseguir na sua diligência. Pediu a Ali que lhe proporcionasse meios de ir ver seu irmão, o xerife Feisal, terceiro filho de Hussein, cujo acampamento se encontrava longe, na região de Wadi-Safra. Mas essa jornada de dias devia fazer-se secretamente, sem chamar atenções nem despertar curiosidades. Partiu de Rabegh ao cair da noite acompanhado unicamente por um homem da inteira confiança de Ali, chamado Tafas, que devia servir-lhe de guia e de guarda de corpo. Cada um no seu camelo e Lawrence embrulhado num manto árabe para não dar nas vistas. A jornada foi longa e houve incidentes e encontros que Tafas, conhecido por todos, transpôs sem dificuldade.

Antes de chegarem ao acampamento de Feisal em Hamra, atravessaram o arraial das suas numerosas tropas e o grande rebanho dos seus camelos de sela que andavam pastando.

Lawrence descreve de modo impressionante esta sua primeira entrevista com Feisal, que tantos frutos devia dar:

«... Tafas disse duas palavras a um escravo (que guardava a entrada) empunhando uma espada de castão de prata. Levou-me a um pátio interior ao fundo do qual, no vão escuro de uma porta cujos umbrais a enquadravam, avistei uma figura tôda branca esperando-me com imóvel e concentrada atenção. Bastou-me um olhar para perceber que ali estava o homem que eu tinha vindo procurar na Arábia, o chefe que havia de conduzir a revolta até à plenitude da sua glória. Feisal pareceu-me muito alto, erecto como um pilar, esguio sob as pregas do seu amplo e comprido vestuário de sêda branca. Tinha a cabeça coberta por um pano castanho que um cordão de escarlate e oiro cingia. As pálpebras, descidas, velavam-lhe o olhar, e a barba preta e o rosto sem côr eram a máscara que encobria a estranha tensão de vigilância de todo o seu ser. Conservava as mãos cruzadas à sua frente, sôbre o punho da adaga.

«... Sentou-se no seu tapête perto da porta. Quando os meus olhos se costumaram à penumbra, vi que na pequena sala onde nos encontravamos, havia muitas figuras silenciosas observando-nos atentamente. Feisal conservou-se algum tempo com os olhos fitos nas mãos que afagavam o punho da adaga. Por fim perguntou-me devagar como achara a jornada. Falei do calor. Perguntou quanto tempo levava de caminho e disse que, para a estação, eu viajara depressa.

— «... E gostas dêste nosso sítio aqui em Wadi Safra? —

— «Sim. Mas... é longe de Damasco. —

«Estas minhas palavras caíram como uma espada no meio dêles. Estremeceram. Depois, ficaram imóveis durante minutos de completo silêncio; parecia que nem respiravam. Alguns sonhavam porventura com brilhantes proezas e glórias futuras; outros lembravam-se talvez das nossas recentes derrotas. Feisal levantou finalmente os olhos para mim, sorriu e disse:

— «Louvado seja Deus, há Turcos mais perto do que isso.»

«Sorrimos todos para êle e eu levantei-me e despedi-me...»

Este foi o primeiro encontro entre Lawrence e Feisal, o início do entendimento, da estima e amizade que uniu estes dois homens através do seu longo e árduo esforço comum. No correr de todo o seu livro Lawrence fala de Feisal com admiração e respeito:

«... era alto, elegante e vigoroso, e tinha um belo porte e uma dignidade majestosa... Dominava os apetites e as fraquezas físicas com a espora da coragem. O encanto pessoal, a imprudência, o leve e patético vislumbre de fragilidade, única falha da sua altiva personalidade, tornavam-no um ídolo para todos que o seguiam... O seu treino no círculo de Abdul Hamid fizera dêle um grande mestre de diplomacia. O seu serviço militar com os Turcos dera-lhe um sólido conhecimento de tática. A sua vida em Constantinopla e no Parlamento turco tornara-o familiar com as questões e as maneiras europeias. Era um ponderado julgador de homens...»

Quando Lawrence foi ter com Feisal, já havia tempos que êste empreendera a revolta à testa

da sua gente e com o auxílio dos seus irmãos Abdulá e Ali. Porém com pouco êxito. Não tinham artilharia, nem sequer boas espingardas. O ataque a Medina falhara completamente; mas as atrocidades cometidas pelos Turcos em Awali foram combustível com que a vontade de revolta se atéou.

Feisal encontrava-se, porém, desanimado em Hamra. Abdulá e Ali, e o seu meio-irmão Zeid, que tinham ido procurar reforços e armamentos, demoravam-se na Meca e em Rabegh, esquecidos, dir-se-ia, da sua emprêsa.

Feisal tinha explicado a situação ao coronel Wilson, quando da viagem dêste a Yenbo. Wilson prometera-lhe uma bateria de artilharia de montanha e espingardas Maxim com oficiais e soldados do *Egyptian Army* do Sudão.

Por isso Lawrence vira no arraial de Feisal artilharia e soldados egípcios. Mas as quatro peças de artilharia Krupp tinham vinte anos de idade e o seu tiro não ia além de trezentos metros; e os militares não mostravam vontade nem nervo para se bater contra os Turcos.

Feisal contou estas coisas a Lawrence e queixou-se de estarem mal equipados. Recebiam cada mês trinta mil libras que lhes mandava o xerife Hussein, seu pai, mas poucos mantimentos, armamento e munições. Não tinham metralhadoras nem canhões, nem ajuda de técnicos, nem informações.

Lawrence disse que tinha vindo exactamente para perguntar o que lhes faltava e ir dizê-lo aos Ingleses que, segundó a sua promessa, queriam ajudá-los. E Feisal contou-lhe tôda a história da revolta e disse quais eram as suas tentações.

No correr das conversas, Feisal uma vez disse-lhe, sorrindo:

«Bem vês, agora encontramos-nos, por necessidade, ligados aos Ingleses. Estamos encantados de ser seus amigos, gratos ao seu auxílio, esperançados em benefícios futuros. Mas não somos súbditos ingleses. E sentir-nos-íamos mais à vontade se elles não fôsem uns aliados tão desproporcionados.»

E noutra ocasião:

«Não pertenço ao Edjaz por nascimento. No entanto, por Deus, sinto-me cioso dêste país. Ainda que suponha que os Ingleses o não pretendem, que hei-de pensar quando vejo que elles tomaram o Sudão que também não queriam? Os Ingleses são ávidos de terras desoladas para as tornarem rendosas: e assim talvez um dia a Arábia lhes pareça preciosa. O que é bom para ti e o que é bom para mim são duas coisas diferentes; e quer o bem quer o mal impostos à força fazem a gente gritar de dor. Achas que o metal bruto admira a chama que o transforma? Isto não significa ofensa, mas um povo ainda que fraco agarra-se ao seu pouco. A nossa raça há-de bramar como um estropeado até que se possa ter de pé» (1).

Lawrence, cheio de fé em Feisal e nas suas tropas, entendeu ser dever seu voltar ao Egipto e fazer um relatório aos seus superiores do que vira e observara. A defesa da Meca, afirmava elle, não estava em Rabegh, como os Ingleses pensavam, mas sim nas mãos de Feisal em Jebel Subh.

Os chefes ingleses, admirados com as notícias, prometeram auxílio e mandaram de novo Lawrence ter com Feisal. Mas quando elle lá chegou, os Turcos acabavam de forçar as defesas

(1) Op. cit.

de Jebel Subh e era preciso mudar de plano rapidamente. Resolveram marchar para Wejh e ameaçar a linha do caminho de ferro do inimigo.

Daqui por diante e durante dois anos sem repouso, a vida de Lawrence é uma longa e rude campanha através do deserto, pelos desfiladeiros das montanhas; escaramuças, batalhas, presença constante do perigo, do sofrimento, da morte. Fome, frio, calor esbrasante, a tortura da sede, das feridas mal curadas, das febres.

De Jebel Subh para Wejh, de Wejh para Akaba, de Akaba para o vale de Yarmuk, a fim de atacar aí a linha férrea. Lawrence volta então à Palestina com queixas e más notícias e é de novo mandado para junto de Feisal com novos poderes. Segue-se a marcha sobre Maan e aí os ataques ao caminho de ferro; e depois, Deraa.

Os Ingleses, agora sob o comando de Allenby, auxiliam os Árabes, alimentam a sua revolta, fornecem mantimentos, artilharia, aviões, tropas. Mas tudo isto chega quasi sempre tarde e a más horas; a artilharia é velha, os aviões são cangalhos. O que conta e o que vence é a coragem dos Árabes, sobretudo dos chefes, alguns dos quais, como Auda ibn Tayi, são épicos guerreiros de quem Lawrence fala com infinita admiração e respeito.

No seu estilo elegante, sincopado, Lawrence descreve assim esse período capital da sua vida:

«Durante anos vivemos como Deus quis, no deserto nu, sob a indiferença do céu. De dia, o ardor do sol fazia-nos fermentar e a persistente violência do vento dava-nos vertigens. De noite, o relento trespassava-nos e eramos reduzidos à mais ínfima pequenez pelos inúmeros silêncios das estrêlas. Um exército concentrado em si mesmo, sem paradas nem gestos, devotado à liberdade, segundo credo dos homens, propósito

tão devorador que absorvia tôda a nossa fôrça, esperança tão transcendente que tôdas as nossas antigas ambições se apagavam perante o seu resplendor.

«A passagem do tempo aumentava de tal arte o nosso desejo de pelear pelo ideal, que êsse desejo se transformava em possessão e galopava à rédea solta sôbre as nossas dúvidas; e, por bem ou por mal, tornou-se Fé. Tínhamo-nos rendido a essa escravatura, tínhamo-nos algemado e acorrentado juntos a êsse grillhão comum. A mentalidade dos escravos é terrível porque perderam o mundo; e nós tínhamo-nos rendido não só de corpo mas de alma também ao domínio absoluto da sofreguidão de vitória. Por nosso acto próprio, tínhamo-nos despido de moral, de vontade, de responsabilidade, como fôlhas sêcas arrebatadas por uma rajada de ventania...»

Este trecho febril do livro de Lawrence descreve o seu estado de alma com tal intensidade que nenhum comentário poderia torná-lo mais claro.

As deficiências, as incompetências e a desorganização dos centros ingleses, militares e civis, que tão cruamente são expostos no *Seven pillars of Wisdom*, foram os agentes que levaram Lawrence à testa das suas desordenadas tribos árabes até a final entrada em Damasco. Tão certo é que Deus escreve direito por linhas tortas.

Lawrence, um civil, desprezando tôda a disciplina burocrática, tornou-se agente livre, por sua conta e risco. Como os resultados prometiam vantagens, tanto o comando militar como a direcção civil aprovaram a sua rebeldia. Em vez de a castigar, aproveitaram-na.

As fôrças militares inglesas, mal armadas, mal dirigidas, incoerentes e hesitantes, não venceram

nem podiam vencer os Turcos, nem arrancar-lhes as ricas províncias de língua árabe que êles possuíam e dominavam e que hoje fazem parte do Império britânico ou se encontram sob a *sua protecção*, o que significa o mesmo. Como se prova, não pela propaganda inglesa destinada à ignorância e à candura das opiniões públicas nacional e estrangeiras, mas sim pela sua documentação séria, essas regiões vieram a cair sob o domínio britânico pela fôrça da revolta árabe a cuja testa surgiu um milagroso condutor.

Lawrence, animado pela fé ardente que descreve nos períodos do seu livro atrás transcritos, tomou à sua conta aquêlê exército de beduínos que foi crescendo à medida que mais tribos aderiam ao movimento. O seu poder tornara-se muito grande, a sua autoridade absoluta. Feisal era o chefe sagrado, escondido, rodeado do mistério indispensável. Lawrence era a fôrça viva, activa, sempre presente, que nunca hesitava diante do perigo ou da morte e conduzia as suas hostes pela persuasão do exemplo e pelo dom magnífico da palavra. Todos o seguiam cegamente. Havia o quer que fôsse de mágico na autoridade nunca contestada de um estrangeiro sôbre povos tão ciosos da sua nacionalidade, tão fechados nas suas tradições.

Possuidor dêsse milagroso dom de autoridade que marca os condutores de homens e iluminado por lampejos de inspiração, Lawrence poderia ter-se elevado à categoria dêsses raros eleitos que de tempos a tempos surgem na História e mudam o rumo da humanidade. Mas Lawrence era inglês e portanto acorrentado à fé na superioridade da sua raça por obscuras ligações hereditárias e de educação que não teve a fôrça de quebrar; e era moderno, recebera a céptica educação moderna, e portanto encontrava-se detido

no estreito cárcere do materialismo cujas paredes não teve a força de derrubar.

Falando da sua esplêndida aventura, que podia ter sido o início de uma epopeia e que afinal foi só uma pedra obscura encaستada na alvenaria de uma construção já condenada, Lawrence diz:

«... De resto uma aventura inconsiderada, louca, agradava à minha incerta disposição. Sentir-me livre como o ar e ter defronte de mim, no meu caminho, a vida visível a esforçar-se em luta para avançar, seria para mim a felicidade; mas a consciência de estar secretamente afiando o machado que havia de cortar tantas esperanças, estragava todo o meu contentamento.

«A revolta árabe tinha começado sob auspícios mentirosos. Para obter do xerife (o xerife da Meca, Hussein) o impulso a êsse movimento, o nosso Governo tinha oferecido, por intermédio de Sir Henry McMahon, o seu apoio ao estabelecimento ulterior de governos nacionais na Síria e na Mesopotâmia, *salvaguardando os interesses da França, nossa aliada*. Esta última cláusula tão modesta escondia um tratado (escondido até de McMahon e portanto do xerife) pelo qual a França, a Inglaterra e a Rússia tinham resolvido a anexação por elas de algumas destas regiões e o estabelecimento de esferas de acção sobre todo o resto.

«Espalhados pelos Turcos, rumores desta fraude alcançaram os ouvidos árabes. No Leste as pessoas gozam de mais crédito do que as instituições; de modo que os Árabes, tendo experimentado e tido seguras provas da minha dedicação e sinceridade, perguntaram-me — considerando-me agente livre — se eu garantia as promessas do Governo britânico. Não tivera eu até então conhecimento público ou secreto das promessas de

McMahon nem do tratado Sykes-Picot, ambos feitos pela secção de guerra do *Foreign Office*. Mas, não sendo um completo idiota, sabia com firme certeza que, se vencessemos, as promessas feitas aos Árabes pelos Ingleses não teriam mais valor do que farrapos de papel. Se eu fôsse um conselheiro honesto, nessa altura teria mandado os meus homens para suas casas e não teria permitido que arriscassem a vida em empresa tão vã. Mas a revolta árabe era o elemento indispensável à nossa vitória... E assegurei-lhes que a Inglaterra cumpriria a sua palavra na letra e no espírito. Confortados com esta minha resposta foram êles fazendo as belas e nobres coisas que fizeram; mas eu, em vez de me orgulhar pelos feitos que juntos realizavamos, sentia apenas a minha vergonha constante e amarga.

«A visão bem nítida da minha situação apresentou-se-me uma noite quando o velho Nuri Shaalan, na sua tenda, me mostrou uma enfiada de documentos e me perguntou a qual daqueles penhõres da palavra inglesa se devia dar crédito. Na disposição em que Nuri se encontrava, da minha resposta dependia o êxito ou o fracasso de Feisal. Essa resposta — formulada com funda angústia interior — foi: que se devia crer no mais recente dos documentos contraditórios. Esta resposta, bem pouco engenhosa, promoveu-me no espaço de seis meses ao pôsto de chefe no qual tôda a confiança era depositada...

«A título de desforra, fiz voto de tornar a revolta árabe — essa poderosa alavanca da nossa campanha no Egito, — em instrumento igualmente poderoso do seu próprio êxito; e fiz também voto de a conduzir com tal arrebatamento que a própria conveniência das potências as levaria à realização das aspirações morais dos Árabes. Isto presupunha, evidentemente, o facto de

eu sobreviver à guerra e de vencer, depois, as batalhas na sede do Conselho — presunção pouco modesta cuja realização ainda se conserva em suspenso. Mas fôsse qual fôsse o fim a que chegassemos, o facto da fraude agora posta em prática não deixava de existir...»

Esta é a tragédia da vida de Lawrence... Encontrava-se acorrentado por obscuros laços hereditários e tradicionais à fé na superioridade da raça britânica, à qual tôdas as outras raças — para bem delas — deviam submeter-se, e, por outro lado, a sua razão lúcida e culta mostrava-lhe a inanidade desta fé. Entre o demónio da orgulhosa superstição secular que levava a sua raça à culminância de um poder mundial e o anjo dissipador de trevas que lhe mostrava o caminho da libertação da sua alma, Lawrence não teve a força de ânimo de escolher. Cedeu à tentação de um compromisso do qual o tempo e as circunstâncias seriam árbitros. Ele que nunca recuou perante nenhum perigo físico, acobardou-se perante o heroísmo espiritual que a sua consciência exigia. De resto, a sua solidão era completa e nenhuma força sobrehumana vinha em seu auxílio; a sua alma, perdida no caos moderno do materialismo em que fôra educada, não encontrava ponto de apoio nos valores transcendentales que em épocas de Fé elevam os heróis e os santos acima das divisões e das paixões humanas.

Assim deu-se de corpo e alma àquela «sofredão de vitória» e «despiu-se de moral, de vontade e de responsabilidade». Foi uma longa embriaguez de esforço e de sofrimento físicos pela qual diligenciou esquecer as agonias espirituais que o torturavam. E através do seu livro descreve êsse esforço e êsse sofrimento com uma insistência e uma crueza que nos dão a suspeita

de um desejo subconsciente de justificação ou talvez de espiação.

Depois de traçar um retrato magistral de Auda abn Tayi, um dos chefes árabes de quem Lawrence fala com admiração, apresenta-nos um quadro de repouso noturno no deserto:

Um dos seus companheiros deitou-se de costas no chão e, com o óculo de Lawrence, começou a contar grupos de estrêlas admirando-se das luzinhas novas que assim lhe apareciam e que os seus olhos nus não alcançavam. Auda começou a falar de telescópios e a conversa abrangeu a amplidão infinita dos céus onde, por detrás dos sóis, surgem outros sóis, e referiu-se a distâncias que excedem o poder da imaginação. E Lawrence disse que daqui a algum tempo os telescópios seriam tanto mais poderosos do que os actuais quanto os actuais são mais poderosos que os de Galileu.

« — Porque será que a gente do Ocidente nunca se dá por satisfeita? — perguntou Auda com irritação. — Detrás do número limitado das nossas estrêlas, nós encontramos Deus: mas detrás dos vossos milhões de estrêlas só há outras estrêlas...

« — Queremos ir até ao fim do mundo, Auda.»

Assim, entre duas batalhas, sob o olhar da morte que os espreitava, estes homens falavam do céu e das estrêlas. E por fim Auda disse:

« — Rapazes, nós conhecemos as nossas terras, os nossos camelos, as nossas mulheres. O que vai além disso, e a glória também, pertence a Deus. Se o fim da sabedoria humana é acrescentar estrêlas às estrêlas, a nossa loucura é ridícula.»

Duas deliciosas figuras surgem a miúdo na narrativa de Lawrence: Farraj e Daub, dois rapazes belos como jovens deuses, unidos por uma

afeição que os torna inseparáveis, corajosos até à loucura, endiabrados, inventando e executando constantemente partidas arriscadas que lhes acarretam duros e inúteis castigos corporais. Acompanham sempre a expedição, fazem parte de tôdas as aventuras. Sintetizam a alegria descuidada, a graça, a ternura; são um misto de anjos e de diabos; dois pequenos sóis de selvagem beleza, a cujo calor se aquece o coração de Lawrence durante o seu calvário.

Um dia, em Atatir, estava Lawrence com a sua gente à espera de notícias de Allenby a cujas tropas contavam reunir-se, quando estafetas começaram a chegar com notícias da derrota dos Ingleses, que tinham fugido de Salt. Isto vinha transtornar todos os planos e Lawrence viu-se na necessidade de improvisar outros. Resolveu retroceder e voltar para junto de Feisal.

Em Faraifra, encontraram uma pequena patrulha de oito Turcos. Os Árabes de Lawrence quiseram logo atacá-los. Os mais novos atiraram-se, a tôda a pressa dos seus camelos, contra estes inimigos. Farraj ia adiante de todos, sem querer ouvir os chamamentos dos companheiros. Começou o tiroteio. Quando Farraj ia a passar sob o arco de uma ponte, viram-no parar de repente, saltar fora da sela e desaparecer.

Lawrence acompanhado por alguns Árabes alcançou por fim a ponte. Encontraram Farraj estendido no chão, mal ferido. Uma bala atravessara-lhe o corpo e atingira-lhe a espinha. Os Árabes disseram logo que pouco podia durar. Lawrence fêz o que pôde para lhe estancar o sangue, mas não o conseguiu.

Nesse instante, uma companhia de cinqüenta Turcos foi avistada correndo para êles. Lawrence tinha consigo só quinze homens e encontravam-se mal situados para combater. Era pre-

ciso partir depressa e levar Farraj. Quiseram levantá-lo embrulhado na sua capa, e depois com o auxílio de um cobertor. Mas o sofrimento e os gritos do rapaz eram tais que tiveram de desistir. Não podiam abandoná-lo naquele estado aos Turcos porque tinham visto estes queimar vivos os prisioneiros feridos.

«Nunca sonhara que me caberia a sorte de matar Farraj», diz Lawrence.

Mas ajoelhou ao seu lado escondendo a pistola... Farraj adivinhou; pegou-lhe no braço, disse-lhe com um vislumbre do antigo sorriso malicioso, «agora tão estranho naquele rosto contraído e côr de cinza»:

« — Daub vai ficar zangado contigo.»

E Lawrence respondeu:

« — Cumprimenta-o da minha parte.»

Por fim; exausto, o pobre rapaz fechou os olhos...

Um dos Árabes levava à arreata o camelo de Farraj; sôbre a sela iam a pele de carneiro e peças de vestuário do dono, sôbre as quais se via ainda impressa a forma do seu corpo.

Ao escurecer, vieram dizer a Lawrence que havia discussões entre os Árabes sôbre quem ficaria com a magnífica montada de Farraj.

Mas Lawrence estava tão amargurado ao ver «que até os mortos tão perfeitos como Farraj roubavam a minha pobreza», as poucas alegrias que lhe restavam, que, pensando atenuar aquela dor, matou com a segunda bala da sua pistola o soberbo camelo do seu amigo.

Estranho livro, o de Lawrence! Desordenado, incoerente, contraditório, um amontoado de valores desiguais coleccionados por um espírito inquieto à procura do que nunca encontrou. Inúmeras imagens de regiões desérticas marcadas pela côr da hora passageira — sombra, luz, cre-

púsculo, sol, lua, fantasmagoria de estrêlas ou de névoas —, imagens dramatizadas pela vertigem ou lentidão dos episódios, — longas marchas, acampamentos, escaramuças, batalhas, minas que fazem explodir linhas férreas e despedaçam combóios, pilhagens; imagens de misérias, de perigos, de tragédias, de atrocidades. Seiscentas e sessenta páginas de texto nervoso, febril, atravessado por clarões de génio, por linhas quebradas de loucura, fixado no papel ao acaso da inspiração, linhas de pensamento cruzadas, entrecruzadas, como vôos de andorinhas em traços de beleza à caça de insectos no espaço. Sem ordem nem método; idéias apanhadas à passagem e logo fixadas sem preocupações de coerência para com as antecedentes nem de lógica para com as seguintes.

Nenhuma ameaça de perigo desvia Lawrence da empreza planeada. Perseguido pelo remorso do crime de deslealdade praticado contra os seus amigos Árabes que depositaram nêle tóda a confiança, dir-se-ia que procura a morte. Uma vez, numa diligência de espionagem, aventura-se sôzinho com Farraj, ambos vestidos de mulheres e na companhia de três prostitutas; e só escapam desta louca aventura por milagre. Outra vez, em Deraa, ocupada pelos Turcos, arrisca-se sôzinho, como beduíno errante; e é apanhado pelos soldados e levado à presença de um Bey vicioso. Revoltado, defende-se com violência. O Bey es-carra-lhe na cara, esbofeteia-o com as solas das suas chinelas, manda-o açoitar quási até à morte. Com a carne esfrangalhada, a gritar de dor, despedido de todo o orgulho pela intensidade do sofrimento, obrigam-no a arrastar-se defronte do Bey e a pedir-lhe misericórdia. E por fim é atirado para um depósito com o pontapé de uma bota ferrada que lhe quebra duas costelas. Consegue

porém fugir sem que a sua identidade seja descoberta. Encontrando, já fora de Deraa, dois dos seus que tinham ficado à espera do resultado daquele arriscado reconhecimento, monta no camelo conforme pode. Em vez da verdade, conta-lhes, a fim de salvaguardar o seu prestígio, uma história inventada que ridiculiza os Turcos e faz rir os seus companheiros. Encontram no caminho um bando de Wuld Ali que anda a roubar e que nessa altura ainda se não juntou à gente de Feisal. Mas, reconhecendo Lawrence, deixam-no passar incólume.

Esta prova de consideração afaga o orgulho tão ferido de Lawrence, alivia-o um pouco daquele pêso de vergonha: a idéia fixa de que naquela noite em Deraa «a cidadela da minha integridade fôra irrevogavelmente perdida».

Na confusa análise da própria alma que Lawrence fêz na última parte do seu livro, dominam o remorso, o desprezo pela sua falência moral, a ânsia de fugir ao seu tormento íntimo por meio de humildes confissões. Confessa o seu desejo de celebridade, a sua ambição de honorarias e, ao mesmo tempo, o seu pavor de que fôssem descobertos; pavor tão grande que o leva a recusar as distinções que lhe oferecem.

Confessa a sua sêde ardente de affecto, desejo tão forte e nervoso, diz êle, que não o deixava abrir o coração com medo de não ser compreendido porque era preciso que êsse affecto fôsse correspondido exactamente na mesma medida do seu.

Queixa-se de nunca ter encontrado um chefe que lhe desse ordens e o aproveitasse. Diz que está cansado até à morte de liberdade de acção, e de muitas outras coisas: durante ano e meio não tivera um momento de descanso, percorrera, montado em camelos, mais de mil milhas por mês,

sém contar os vôos «em decrépitos aviões», nem as correrias de automóvel. E em cada um dos últimos cinco recontros fôra ferido, de maneira que só por um grande esforço de vontade arrastava a novos combates o corpo que temia a dor de novos golpes. Passara muita fome e, nos últimos tempos, tanto frio e privações que a geada e a sujidade lhe tinham transformado as feridas em chagas purulentas. Porém tantos tormentos, diz êle, seriam pouca coisa, dado o seu desprezo pelo corpo e «sobretudo por aquêle meu imundo corpo», se não fôsse a outra podridão: a da fraude de que a sua alma tomara o hábito. Aquêle fingimento a que se obrigara de conduzir o movimento árabe para a sua independência, mascarado com vestuário estranho, falando em língua estranha aos homens que o seguiam, e escondendo a certeza que tinha de que as promessas inglesas, nas quais os Árabes se fiavam, valiam tanto como as suas armas deficientes valeriam na hora em que o seu esforço deixasse de ser necessário aos Ingleses. Esse esforço tão preciso agora e que os Ingleses alimentavam com a mínima despesa possível enquanto os mais conscienciosos abafavam os remorsos, pretendendo que os Árabes — privados de auxílio e de direcção — seriam no fim muito capazes de defender os seus direitos com «instrumentos de papel». Mas Lawrence perdera tôdas essas cómodas ilusões e fala com funda amargura nas mortes de Hesa, permitidas por êle e «tão escusadas e ineficazes». Confessa a morte de tôda a sua energia e numa desesperada ânsia de cruel sinceridade confessa os seus gostos pelas coisas baixas, escolhendo entre elas os seus prazeres e as suas aventuras, parecendo-lhe haver na degradação uma certeza e uma segurança finais. Porque o homem podia elevar-se a qual-

quer altura, mas havia um nível animal abaixo do qual não podia descer (1).

A revolta dos Árabes, fomentada e auxiliada pelos Ingleses, e mercê da qual estes conseguiram, com bem pouca despesa e esforço, agüentar a campanha contra os Turcos naquelas regiões até o fim da guerra, terminou com a tomada de Damasco, onde o povo em delírio aclamou Feisal. Pode-se dizer afoitamente que o êxito desta campanha se deve a Lawrence e ao milagre da sua autoridade sôbre as hostes desordenadas dos guerrilheiros árabes que em tôda a campanha não tiveram outro chefe.

Lawrence deu-se a esta empresa de corpo e alma e dessa luta sobreumana saiu com o corpo tão mal ferido como a alma.

Foi um longo calvário durante o qual parece que a sorte lhe não poupou sofrimento algum físico ou moral; levou-o no entanto até ao fim com heróica tenacidade.

Depois da tomada de Damasco, Lawrence fêz o seu primeiro e último pedido a Allenby: que o deixasse partir. E partiu com o coração confrangido. Não considerou, porém, terminada a sua missão.

Em 1919, aureolado pela lendária celebridade dos seus feitos na Arábia e pela fama do seu estranho prestígio sôbre os Árabes, foi chamado à Conferência da Paz, onde se tornou uma das figuras de maior relêvo enquanto lá defendeu com ardor os direitos dos homens que comandara e aos quais os Aliados deviam a posse do espólio de cujas partilhas agora se tratava. Mas todo o esforço de Lawrence se quebrou contra a determinação da Inglaterra e da França. Assim

(1) Op. cit., págs. 562 e segs.

perdeu Lawrence a última esperança de apagar da sua alma a vergonha e o remorso da sua cumplicidade na fraude inglesa, que arrastara os Árabes a tantos sacrifícios e sofrimentos inúteis à causa pela qual julgavam bater-se.

Lawrence fechou-se em casa, isolou-se com as suas notas e escreveu a narrativa da sua vida com os Árabes. Esse manuscrito perdeu-se... ou roubaram-lho, quem sabe? Mas não desanimou e recomeçou o seu trabalho. Queria dizer a verdade, queria deixar um testemunho do seu remorso e da sua tortura e fazer justiça àqueles homens de outra raça que admirava e respeitava.

Apareceu em 1926 uma edição particular de pouquíssimos volumes. Só em 1935 o livro de Lawrence *Seven pillars of Wisdom* saíu do prelo numa edição regular.

Em 1921, W. Churchill convidou-o para entrar no *Colonial Office* como conselheiro sobre assuntos árabes. Aí recomeçou a sua luta em favor dos direitos desses povos e o seu esforço contribuiu poderosamente para levar Feisal ao trono do Iraque. Porém, ao ver as condições que o Governo britânico exigia a Feisal em troca da ilusória coroa, Lawrence abandonou bruscamente o serviço no Ministério, renunciou ao seu posto oficial, às condecorações que lhe tinham dado e, mudando de nome, sentou praça como simples mecânico no *Royal Air Force*.

No entanto não conseguiu desaparecer. A sofreguidão da imprensa, que não respeita nenhum pudor e que tudo sacrifica à ânsia de lançar à mórbida curiosidade do público notícias de sensação, começou a tecer em volta de Lawrence uma teia de mistério. Como havia a medíocre turba dos caçadores de notícias, de entender a obra e o calvário de Lawrence? Começaram a chamar-lhe *the mystery man*, a fazer-lhe uma

publicidade à altura do homem da rua, cujo interesse logo se acendeu como perante o nome de um criminoso célebre ou de uma estrêla de cinema.

Fugindo diante desta atroz perseguição, Lawrence mudou-se (sempre na sua modesta situação de mecânico) do *R. A. F.* para o *Tank Corps*. Nem aí o deixaram sossegado, e de novo foi transferido para o *R. A. F.* e partiu para a Índia. Mas até na Índia a canzoada da publicidade se encarniçou sôbre êle; em 1928, voltou para Inglaterra — onde veio a morrer de um acidente de motocicleta, que muitos segredaram ter sido propositado...

Quem sabe? Talvez Lawrence arrombasse por fim a porta da sua prisão, na ânsia de fugir da derrocada de um mundo onde andava perdido entre fantasmas.

FIM

APÊNDICE

Pareceu-me interessante traduzir à letra e na íntegra este artigo da 14.^a edição (1929) da Enciclopédia Britânica (vol. 12, pág. 587), assinado pelo major-general Sir George G. Aston K. C. B., leitor de História Naval no University College de Londres, antigo professor de fortificações no Royal Naval College de Greenwich, autor de Sea, land and air strategy e outras obras.

Não há hoje muitos leitores portugueses que conheçam bem a língua inglesa e ainda são menos os que se dão ao trabalho de ler com atenção certos artigos da Enciclopédia Britânica, o que é para lamentar, pois muitos desses artigos escritos, como este, com estóica inocência, constituem uma documentação preciosa sobre os processos e métodos que levaram o Império britânico à sua grandeza.

Este artigo sobre o Iraquê é, pois, um complemento necessário e uma clara confirmação do que escrevi sobre os Ingleses na introdução a

êste trabalho. É, além disso, um precioso auxiliar para a compreensão da vida, lutas e trabalhos de Lawrence na Arábia.

Tradução do artigo sôbre o Iraque

(«Enciclopédia Britânica»)

Iraque. — O moderno reino do Iraque, sob mandato, foi formado, depois de Guerra Mundial, dos antigos *vilayets* turcos de Mossul, Bagodá e Bassorá. Inclui uma área superior a 140.000 milhas quadradas, com uma população — segundo o censo de 1920 — de 2.849.282. Dêste número, 1.146.685 são Mahometanos Sunnis, 1.494.015 Mahometanos Shiahs, 87.488 Judeus, 78.792 Cristãos e 43.302 de outras religiões. A capital é Bagodá — população em 1920, 145.000. Bassorá, o principal pôrto, situado a 70 milhas acima de Shatt el Arab, sôbre o Gôlfo Pérsico, tem aproximadamente 50.000 habitantes. A região abraça não só o vale da Mesopotâmia mas também um importante corredor deserto que se estende a oeste até às fronteiras da Transjordânia. O Iraque é limitado ao norte pela Turquia, a oeste pela Síria e pela Transjordânia, ao sudoeste e sul pelo Nedjed e Kuwait, e a leste pela Pérsia. Devido à natureza da região, às dificuldades relativas a direitos sôbre águas e à propensão para *raids* demonstrada pelas tribos do deserto, as fronteiras de oeste e do sul ainda não foram claramente definidas. O algodão aqui é uma cultura de irrigação. Antes de 1921 não se exportava. Nenhum desenvolvimento espectacular teve lugar, mas sim um firme e saudável progresso. Todo o algodão passa pelas mãos da

British Cotton Growing Association, que está de posse do único engenho. A colheita de 1926 foi de 3.500 fardos no valor de £. 77.000. O Império Britânico é a potência mandatária do Iraque.

Os termos do mandato nunca foram formalmente estabelecidos pela Sociedade das Nações, mas as relações entre a Grã-Bretanha e o Iraque foram definidas nos termos de um tratado concluído em Outubro de 1922, originariamente por um período de vinte anos. Isto foi, porém, modificado por um protocolo com data de 30 de Abril de 1923, no qual se estabeleceu que a força do tratado terminaria quando o Iraque fôsse admitido como membro da Sociedade das Nações, e não duraria, em todo o caso, mais de quatro anos, a partir da data da ratificação do tratado de paz com a Turquia, sendo então prevista a assinatura de um novo tratado, tendo em vista regularem-se as relações futuras entre os dois países (Grã-Bretanha e Iraque). Em 24 de Setembro de 1924, a Sociedade das Nações aceitou êste instrumento como estando em regra com o disposto no art. 22.º do Pacto. Por um outro tratado, ratificado em 30 de Março de 1926 e resultando da decisão da Sociedade das Nações sobre a questão de Mossul, o período de duração foi novamente alterado e passou a vinte e cinco anos (a partir de 16 de Dezembro de 1925), a não ser que, antes da expiração desse prazo, o Iraque fôsse admitido como membro da Sociedade das Nações.

O Governo do Iraque é uma monarquia limitada, sobre o modelo egípcio, com um rei, um Senado de vinte membros nomeados e uma Câmara de Deputados com 88 membros. O país é dividido em três *vilayets* (províncias) compreendendo ao todo catorze *liwas* (divisões). Cada *liwa* é administrado por um *mutessarif*, auxiliado

por um oficial britânico com poderes de conselheiro. Os *liwas* são: *Mossul vilayet*: Mossul, Arbil, Kirkuk e Sulaimenigah; *Bagodá vilayet*: Bagodá, Karbala, Diyala, Kut, Diwaniah, Hillah e Dulaim; *Bassorá vilayet*: Bassorá, Amara e Muntafik.

História

Movimento nacionalista. — Durante os anos de 1911 até ao princípio da Guerra Mundial, o regime otomano, nos distantes *vilayets* da Arábia turca, dava provas de acentuada deteriorização. A última esperança de que um sistema administrativo eficiente se pudesse estabelecer na Mesopotâmia esvaíu-se com a queda, em 1911, de Nazim Pachá, homem enérgico, de singular integridade, que metera ombros à intrincada tarefa que tinha defronte de si, empregando na empresa tôda a rude fôrça de um soldado turco do antigo regime. A guerra da Itália e dos Balcãs tinha enfraquecido o Governo Central, enquanto nas províncias árabes, particularmente, o desapontamento que se seguiu às esperanças nascidas da constituição de 1908 provocava um recrudescimento de aspirações raciais. Damasco e Beirute eram já, havia muito, centros de movimentos nacionalistas e, em fins de 1913, a sociedade secreta chamada *Ahd* (a Liga) tinha estendido as suas actividades aos três *vilayets* da Mesopotâmia.

Campanha da Mesopotâmia. — A declaração de guerra seguiu-se, em 31 de Outubro de 1914, uma proclamação do Residente político no Golfo Pérsico (inglês) dirigida aos chefes locais árabes, explicando que a Turquia entrara na guerra unicamente a instigações da Alemanha e prometendo

aos chefes que gozassem da protecção da Grã-Bretanha que acto algum dos Britânicos ameaçaria a sua liberdade ou a sua religião. Com tais afirmações ficou essa gente satisfeita. Antes do comêço das operações militares, Sir Percy Cox — cujos esforços como Residente britânico durante a última década tinha consolidado a posição britânica no Gôlfo — reuniu-se à fôrça concentrada em Bahrein como chefe político official; e quando, em 6 de Novembro, os Britânicos tomaram Fao Fort e fizeram o seu primeiro desembarque em terras turcas, o Residente político inglês repetiu a sua proclamação em idênticos termos dirigida agora aos Árabes da Arábia turca. Nesta altura, o Govêrno otomano fêz uma tentativa para levantar o fanatismo muçulmano por meio das prêgações de um *Jihad*, mas esta diligência não encontrou eco entre as tribos; e em 21 de Novembro os Turcos tinham abandonado Bassorá, a posição britânica estava estabelecida sôbre o Shatt-el-Arab, e a valiosa refinação de petróleo da *Anglo-Persian Oil Company*, em Abadan encontrava-se em segurança. Em 22 de Novembro tropas britânicas entraram em Bassorá e, em nome do official general comandante em chefe, Sir Percy Cox publicou uma terceira proclamação assegurando aos habitantes que a lei turca estava abolida e que a Grã-Bretanha vinha agora como boa amiga e protectora. A entrada dos Britânicos em Bassorá foi de facto recebida com aclamações do populacho aterrado pelas violências passadas; e a administração civil foi logo inaugurada pelo chefe político official, sob as ordens do G. O. C. Do mesmo modo, como os êxitos se seguiam aos êxitos, em grande parte a lei civil e a ordem iam sendo gradualmente estabelecidas sôbre as pisadas do exêrcito.

Libertação do Iraque. — Em 7 de Novembro de 1918, dez dias depois da assinatura do armistício turco em Mudros, os governos britânico e francês publicaram uma declaração de importância vital para os territórios árabes ocupados, estabelecendo os fins alvejados no Leste, em conjunto, pelos dois governos mencionados. A proclamação dizia que êsses fins eram:

Completar a libertação final dos povos há tanto tempo oprimidos pelos Turcos e estabelecer governos e administrações nacionais, cuja autoridade procederia da iniciativa e livre escolha das populações indígenas.

Além disso, a proclamação prometia encorajamento e auxílio ao estabelecimento dos governos e administrações nacionais, tanto na Síria como na Mesopotâmia. Uma prévia proclamação feita pelo general Maude, quando da ocupação de Bagodá e quando a sorte da guerra era ainda duvidosa, teve os seus termos de floreados sentimentos mal interpretados e tomados como forma de propaganda; mas a declaração anglo-francesa publicada depois da vitória foi tomada muito a sério. Se uma paz imediata tivesse tornado possível a execução imediata dos planos expressos na proclamação, tudo teria corrido bem. Infelizmente as desordenadas delongas que se seguiram às negociações de paz e a extensa promulgação dos catorze pontos do Presidente Wilson, poderoso elemento de determinação própria, prestaram campo largo ao jôgo das especulações políticas e estimularam o sentimento nacionalista. Isto agravou-se ainda mais por meio dos inquéritos que o comissário civil organizou seguindo as instruções do Govêrno Britânico, a saber:

- (1) Se o povo do Iraque aprovava um Estado do Iraque, unido, indo da fronteira

norte do *vilayet* de Mossul até ao Golfo Pérsico;

- (II) Se esse Estado devia ficar sob a tutela britânica;
- (III) Se devia ser governado por um emir árabe;
- (IV) Neste último caso, quem propunham êles para este lugar?

Quanto ao primeiro ponto, as respostas afirmativas foram unânimes. Os outros três pontos obtiveram as mais variadas respostas. Infelizmente, o carácter conflituoso dessas respostas demoraram o estabelecimento das medidas de ordem e, entretanto, outros factores entraram em jôgo. Durante todo este tempo a administração tinha-se conservado nitidamente contrária. As forças britânicas tinham sido reduzidas ao mínimo e quando, em Maio de 1920, o Governo britânico anunciou que aceitava o mandato sobre o Iraque que a Sociedade das Nações lhe propunha, o Governo de Damasco já tinha, na ausência do emir Feisal e contra as suas ordens, começado a insubordinação. Em resposta às objecções levantadas contra o Mandato por uma comissão organizada por si própria, em Bagodá, foi anunciado (20 de Junho) que Sir Percy Cox voltaria no Outono para estabelecer um Governo árabe provisório e reunir uma assembléia livremente eleita pelo povo; e que, de acôrdo com esta assembléia, Sir Percy Cox prepararia a lei Orgânica do país. Mas nada poderia nessa altura satisfazer as exigências dos chefes nacionalistas e, em 2 de Junho de 1920, as turbulentas tribos Shiahs, encorajadas pelos seus chefes religiosos, lançaram-se em aberta revolta.

Restaurar a paz e restabelecer a ordem, era a primeira necessidade que se impunha. Destaca-

ram-se tropas da Índia e quando Sir Percy Cox chegou a Bassorá, à sua volta, já como Alto Comissário (1 de Outubro), a rebeldia encontrava-se condenada a falhar, nos seus principais centros: no médio Eufrates, em Diyala e na parte adjacente do distrito de Kirkuk. Em 10 de Novembro julgou-se possível o estabelecimento — como primeiro passo para um Governo nacional — de um Conselho de Estado sob a presidência do venerável Nakib de Bagodá. Este corpo representava tôdas as classes e seitas da Sociedade. Prestou imediata atenção ao repatriamento dos oficiais do Iraque retidos na Síria e no Edjaz; à reorganização do Governo civil sob a direcção de oficiais do Iraque, o que se tornava fácil pelo regresso de muitos dêstes homens que uma longa residência na Turquia tornara experimentados; à preparação de uma lei eleitoral e à formação de um exército. Foi a chegada de oficiais do Iraque que tinham servido às ordens de Feisal, que pôs de pé o movimento em favor dêste chefe. Tinha sido expulso da Síria pelas autoridades francesas em Julho de 1920 e, desde então, residia na Inglaterra.

Em Março de 1921, Mr. Winston Churchill, então Secretário de Estado das Colónias, reuniu uma conferência no Cairo, a que todos os representantes britânicos no Médio-Oriente foram convocados. O primeiro resultado da conferência foi uma amnistia geral em Maio e, ao mesmo tempo, fêz-se uma tentativa de inquérito sôbre os desejos das províncias kurdas, sôbre a sua inclusão ou não inclusão no Estado do Iraque. O resultado foi que o Sulaimaniyah preferiu ficar sob a autoridade do Alto Comissariado britânico e o resto da população kurda preferiu ficar pertencendo ao Governo do Iraque, com a condição

de ter funcionários kurdos e de continuar a usar a língua kurda.

Escolha do Rei. — Foi só em Junho que o Governo britânico se encontrou em situação de poder anunciar o conjunto de medidas tomadas durante as deliberações do Cairo; e no fim desse mês o emir Feisal chegou ao Iraque e apresentou aos habitantes a sua candidatura ao trono. Foi recebido com aclamações e, em 11 de Julho, o Conselho de Ministros publicou uma resolução declarando-o Rei do Iraque com a condição do seu Governo ser constitucional, representativo e democrático. Mas Sir Percy Cox entendeu ser necessário — para garantir a sua própria fôrça — que o povo fôsse consultado; de modo que se organizou um *referendum*, levado a efeito por intermédio do Ministro do Interior, e estendendo-se a todo o país com excepção de Sulaimaniyah, com o resultado de que 96 % dos votos foram favoráveis ao emir Feisal e muitos subúrbios e distritos se manifestaram a favor da continuação do Mandato britânico.

Agitações nas fronteiras turcas e árabes. — Os primeiros anos do reinado de Feisal foram agitados interior e exteriormente. No norte, o nacionalismo turco adoptou uma atitude francamente hostil contra o Iraque. As guarnições turcas foram reforçadas na fronteira, as tribos foram inundadas pela propaganda e todo o sul do Kurdistan foi mantido em efervescência até que finalmente, na primavera de 1923, os Turcos foram expulsos.

Na fronteira árabe, desde o princípio de 1921, as operações de Ibn Saúd contra Ibn Rashid tinham agitado profundamente as tribos nómadas. Desde Abril de 1921, o shammar de Ibn Rashid

começou a procurar refúgio no Iraque, onde uma grande parte da tribo reside. A sua presença azedou as relações entre o Iraque e o Nedjed e, depois da queda de Hail, capital de Ibn Rashid, em Novembro de 1921, as pretensões de Ibn Saúd aumentaram e êste rei reclamou a submissão de Anizah, a leste do deserto da Síria, que fizera sempre parte do Iraque. Em Março de 1922, consentiu que os chefes dos seus *akhwans* atacassem os corpos de camelos montados do Iraque e as tribos de pastores que apascentavam os rebanhos sob a sua protecção, a umas 30 milhas ao sul do caminho de ferro, entre Bagodá e Bassorá. As perdas infligidas foram pesadas.

Agitação anti-mandato: preliminares do tratado com o Iraque. — Estes perigos na fronteira coincidiram com sérias divergências de opinião entre os Britânicos e o Governo do Iraque sôbre as suas relações mútuas. O Rei Feisal e o seu primeiro Ministro pediram a completa abrogação do impopular mandato e a sua substituição por um tratado de aliança, enquanto o Governo britânico preferia um tratado dentro dos limites do mandato. A questão era essencialmente técnica, mas deu lugar a grandes desinteligências e amargas controvérsias. Até se sugeriu que o ataque lançado por Ibn Saúd, que nesse tempo recebia um subsídio da Grã-Bretanha, fôra instigado por esta a fim de mostrar a fraqueza do Governo do Iraque. Nesta altura, os sacerdotes de Shiad intervieram na questão e promoveram uma conferência em Karbala, nominalmente para discutir os meios de defesa contra os *akhwans*, mas na realidade com o fim de protestar contra o mandato britânico. A conferência teve lugar, mas os xeques de Sunni abstiveram-se de intervir e, entre os Shiahs, os mais ajuizados cortaram

em botão as intenções subsidiárias, de modo que a reunião se limitou à elaboração de uma petição ao Rei Feisal a fim de que tomasse medidas contra os *akhwans*. Mas o calor desenvolvido não se extinguiu assim e a agitação anti-mandato continuou durante todo o verão, apesar de, no mês de Junho, o Conselho de Ministros ter aceitado o Tratado com a Grã-Bretanha, sujeito à sua aprovação em devido tempo pela Assembléia Constituinte. A 16 de Agosto caiu aquêlê Ministério e Sir Percy Cox, indo visitar o Rei por ocasião do aniversário da sua ascensão ao trono, foi recebido com uma manifestação anti-Mandato. Pediu e recebeu imediatamente as devidas desculpas mas, na mesma ocasião, anunciou-se que o Rei sofrera um súbito e grave ataque de apendicite e que uma operação imediata era necessária. Assim, por uma singular combinação de circunstâncias, o país ficou entregue à única autoridade do Alto Comissário (britânico), que logo usou dela. Publicou uma proclamação explicando a situação, mandou prender e deportar certos agitadores e induziu dois sacerdotes Shiahs a partir voluntariamente para a Pérsia. Em 10 de Setembro de 1922, a agitação estava completamente subjugada e nesse dia Sir Percy Cox e o Nakib assinaram um tratado de aliança entre a Grã-Bretanha e o Iraque por um período de vinte anos (série n.º 2 dos Tratados britânicos). A ratificação, porém, foi adiada e as negociações sobre entendimentos subsidiários arrastaram-se até 1924.

Apenas a situação interna se estabilizou, a fronteira do nordeste exigiu de novo as atenções, Com o xeque Mahmud em Suleimaniyah, e os Turcos em Ruwandiz e suas vizinhanças, a administração efectiva cessara a leste de Erbil, Kirkuk e Kifri. Em Outubro de 1922, por decisão tomada na Conferência do Cairo, decretaram-se

medidas e o marechal do ar Sir John Salmond foi encarregado do comando de tôdas as fôrças imperiais no Iraque, tropas de terra, recrutas e fôrças do ar. Pela sua acção vigorosa, forçou os Turcos a retirarem-se de Ruwandiz. Mas o Outono de 1922 foi assinalado pelo grande triunfo de Mustafá Kemal sôbre os Gregos, o que teve influência sôbre os Shiahs do Eufrates e sôbre as tribos do norte. Em 21 de Outubro de 1922, o Rei mandou publicar um *Iradiah* ordenando as eleições para a Assembléia Constituinte; a esta ordem opôs-se um *fatwah*, assinado pelos sacerdotes de Karbala e de Kadhimain, proibindo a participação nas eleições. Em Novembro o Nakib demitiu-se e Abdul Muhsin Begal Sadun formou um novo Ministério. No mesmo mês, realizaram-se eleições na Grã-Bretanha, durante as quais se desencadeou uma campanha contra o cumprimento da promessa britânica ao Iraque. O Ministério de Bonar Law assumiu a obrigação de considerar esta questão e Sir Percy Cox foi chamado a Londres em Janeiro de 1923 a fim de tomar parte na discussão. Deixou no seu lugar Sir Henry Dobbs que fôra nomeado conselheiro do Alto Comissariado em Dezembro transacto. A posição do Governo britânico era extremamente difícil; encontrou-se, porém, uma solução quanto ao período estipulado no tratado ainda não ratificado; êsse período, de vinte anos, foi reduzido a um máximo de quatro a contar da ratificação da paz com a Turquia (que teve lugar em 6 de Agosto de 1924), prevendo-se a renovação no fim dêsse período. O tratado caducaria no caso do Iraque se tornar membro da Sociedade das Nações. O protocolo incorporando êste entendimento foi levado (para o Iraque) por Sir Percy Cox em 31 de Março de 1923 e assinado em 30 de Abril.

Operações em Mossul.—Entretanto, em Março de 1923, tornaram-se necessárias medidas vigorosas contra a ameaça turca no norte. A forte posição mantida em Lausanne por Lord Curzon, teve a sua reacção no Iraque. O xeque Mahmud que formara uma liga com os Turcos em Ruwandiz, foi tratado como convinha, e em Abril, por meio de um brilhante movimento apoiado pela aviação, os Turcos foram expulsos de Ruwandiz e um chefe kurdo foi colocado em Kaimmaikam sob o *mutasarrif* de Erbil. Como não foi considerado então possível o estabelecimento de uma administração local em Sulaimaniah, foi decidido que se daria ao xeque Mahmud uma oportunidade de reabilitação; mas em 1924 as suas intrigas tornaram necessária a sua expulsão. O *liwa* de Sulaimaniah tornou-se parte integrante do Iraque em Março de 1924 e mandou os seus representantes à Assembléia Constituinte.

Estabelecimento da ordem no Nedjed.—No Inverno de 1923-24, fêz-se uma tentativa para sustar as desinteligências crescentes entre o Iraque e o Nedjed, por meio de uma conferência de representantes, que teve lugar em Kuwait sob a autoridade do coronel Knox. O ponto principal da desinteligência era a repatriação das tribos do Nedjed que se tinham refugiado no Iraque. Os representantes do Iraque diziam com razão que, além de não deverem violar os costumes das tribos em questão, não dispunham de suficientes fôrças para obrigar êstes hóspedes indesejáveis a voltar para a sua terra, mas concordaram em se sujeitar a qualquer combinação considerada satisfatória pelo Govêrno britânico. Ainda que, em questões de menos importância, se chegasse a entendimento, nos pontos mais importantes Ibn Saúd mostrou-se obstinado e, justamente

quando a conferência se preparava para uma nova reunião, em Março de 1924, os sequazes de Ibn Saúd desencadearam um ataque brutal contra as tribos pastoris do Iraque. Interrompeu-se a conferência. Outros ataques tiveram lugar em 1924-25, o que deu como resultado um esforço resoluto da parte do Govêrno do Iraque para expulsar as tribos das vizinhanças da fronteira.

Ibn Saúd ordenou então aos chefes dos seus *akhwans* que cessassem os ataques. Finalmente, na conferência realizada em Bahra, no Edjaz, entre o Sultão e Sir Gilbert Clayton, em Novembro de 1925, elaborou-se um tratado entre o Iraque e o Nedjed sôbre o plano proposto pelo Govêrno britânico e o Govêrno do Iraque, em Kuwait.

Ratificação do tratado. — Sir Henry Dodds e o Govêrno do Iraque tinham-se ocupado durante o inverno de 1923 na discussão de pormenores de entendimentos subsidiários do tratado. Estes entendimentos foram assinados em 25 de Março de 1924 e, uma vez assim completado o instrumento da aliança, a Assembléia Constituinte foi aberta pelo Rei em 27 de Março.

Aceitação do tratado. — Os debates sôbre o tratado e os seus entendimentos subsidiários continuaram até 10 de Junho. Houve muitas representações erradas ou de má vontade, mas sem dúvida também razões sólidas de desagrado perante os pesados encargos impostos ao Iraque pelas simultâneas obrigações de expandir o exército, de remir o capital empregado nos caminhos de ferro e de fazer face ao pagamento de uma larga parte da dívida turca. O Govêrno britânico prometeu que, depois da ratificação do tratado, estaria disposto a reconsiderar certas

obrigações financeiras do Iraque para com a Grã-Bretanha, e os debates foram finalmente encerrados pela declaração do Governo britânico anunciando a sua determinação de levantar na sessão de Junho da Sociedade das Nações, tóda a questão da continuação do seu mandato e por um aviso de que, se a aprovação do tratado se não efectuasse na Assembléia do Iraque em 10 de Junho, isto seria considerado como uma recusa. O rei Feisal e o seu Governo entenderam perfeitamente os perigos que isto acarretaria, o Ministério reuniu tódas as fôrças que o apoiavam, e o tratado, assim como todos os subsidiários entendimentos, foram aceitos antes da meia noite do dia marcado. O instrumento foi aceito pela Sociedade das Nações em 27 de Setembro de 1924. Então, a Assembléia Constituinte promulgou as leis orgânicas e eleitorais e foi dissolvida em 2 de Agosto de 1924. A questão que agora dominava tódas as outras era o estabelecimento da fronteira do norte com a Turquia.

Não tinha parecido recomendável perturbar, com a agitação das eleições, os trabalhos da Comissão das Fronteiras, mandada pela Sociedade das Nações a Mossul na primavera de 1925. No entanto, em 21 de Março de 1925, a Lei Orgânica foi promulgada e começaram as eleições para o primeiro parlamento. O Ministério de Yasin Pacha tinha previamente tomado quatro medidas notáveis, vitais para a futura estabilidade e prosperidade do Iraque. A primeira, era a assinatura, com a Companhia Anglo-Persa dos Petróleos, de um *agreement* para a exploração do Shatt-el-Arab. A segunda, era um *agreement* de trânsito com a Síria. A terceira, a outorga a um grupo internacional, conhecido pelo nome de «Companhia Turca de Petróleo», de uma concessão para o desenvolvimento da exploração do petróleo nos

vilayets de Bagodá e de Mossul. A quarta, a assinatura de contratos a longo prazo com uma centena de conselheiros britânicos experimentados e de especialistas técnicos (igualmente britânicos).

A visita, em Abril de 1925, dos Secretários de Estado das Colónias e do Ar (britânicos), proporcionou oportunidades para francas e valiosas trocas de pontos de vistas e teve também como resultado a adopção de um programa que provocaria um treino mais rápido das fôrças militares do Iraque, de modo que êste país pudesse eventualmente assumir a responsabilidade da segurança interna e da defesa externa.

Fizeram-se as eleições a 23 de Junho de 1925 e reuniu-se o parlamento a 16 de Julho, em sessão extraordinária, para estudar o orçamento e certas emendas nas leis orgânicas.

Segundo tratado em Janeiro de 1926. — O arbitrio da Sociedade das Nações sôbre a questão das fronteiras entre o Iraque e a Turquia, foi aceito pelo Iraque com um alívio considerável e, em resposta ao convite do Conselho ao Governo britânico, negociações para a conclusão de um novo tratado foram entabuladas em fins de 1925. Este instrumento devia ter a duração de vinte e cinco anos ou até ao momento em que o Iraque fôsse admitido como membro da Sociedade das Nações. Foi assinado pelos representantes dos dois Governos em 13 de Janeiro de 1926; aceito pelo parlamento do Iraque em 18 de Janeiro, pelo parlamento britânico em 18 de Fevereiro; e um tratado tripartido, concluído em Angora em 5 de Janeiro de 1926, entre representantes da Grã-Bretanha, do Iraque e da Turquia. Este último tratado regista a aceitação, pelas três partes, da linha de fronteira adoptada pelo Conselho da

Sociedade das Nações; trata da criação de uma comissão de fronteiras, para as ir traçar sôbre o terreno; estabelece as formas de procedimento para a solução amigável das discussões relativas às fronteiras e para a manutenção da tranqüillidade nessas fronteiras; finalmente, estipula o pagamento à Turquia, pelo Govêrno do Iraque, por um período de 25 anos, de dez por cento sôbre todos os direitos recebidos pelo Iraque da Companhia Turca de Petróleo e seus subsidiários. É a altura de mencionar que esta importante companhia anunciou os primeiros êxitos da sua exploração de petróleo nas vizinhanças de Kirkuk em Outubro de 1927 e promete um próspero futuro.

Terceiro tratado, em Dezembro de 1927 — Tendo a comissão das fronteiras, criada pelo instrumento acima mencionado, completado os seus trabalhos com pleno êxito no Outono de 1927, o Govêrno do Iraque animou-se com a esperança de que as condições necessárias para a admissão do Iraque como membro da Sociedade das Nações — segundo o art. 1.º, do Pacto — estariam agora cumpridas. O Rei Feisal e o seu primeiro Ministro Jaafar Pachá, empreenderam, pois, a viagem a Londres, em Novembro de 1927, com o fim de sondarem o Govêrno britânico sôbre a possibilidade dêste govêrno apoiar um requerimento de admissão, por parte do Estado do Iraque, no correr da Assembléia da Sociedade das Nações, em Setembro de 1928. As questões relativas a esta proposta foram tratadas através de não poucas dificuldades, em vista do problema das possibilidades de defesa nacional do Iraque. o Govêrno do Rei Feisal entendia que esta inteira responsabilidade militar só podia ser tomada naquela conjuntura pela adopção de qualquer

forma de conscrição, resolução esta à qual o Governo britânico achava muito difícil de prometer o seu apoio. Em resumo, o Governo britânico entendeu não lhe ser possível apoiar o requerimento do Iraque para admissão à Sociedade das Nações, achando que era cêdo demais para apresentar essa petição com probabilidade de êxito. No entanto, fora disto, foi considerado possível que alguns pontos das relações entre o Iraque e a potência mandatária (Grã-Bretanha) se pudessem arrumar melhor, tendo-se em vista o inquestionável progresso feito pela administração do Iraque durante os últimos dois anos. Isto tomou a forma de um novo tratado, para substituir o de Janeiro de 1926. Enquanto as condições principais do segundo tratado se mantinham com pouca alteração, dava-se mais um passo no sentido de satisfazer as aspirações do Iraque, reconhecendo-se formalmente êsse Estado como independente (art. 1.º); e além disso a Grã-Bretanha concordou, com a condição de se manter o actual grau de progresso, em apoiar a candidatura do Iraque para admissão à Sociedade das Nações em 1932 (art. 3.º). Reconheceu-se ao mesmo tempo que os entendimentos existentes, militares e financeiros, admitiam revisão sôbre os progressos realizados; e entabularam-se negociações nesse sentido. Infelizmente, à medida que essas negociações progrediam, manifestavam-se divergências consideráveis entre os nacionalistas do Iraque e os pontos de vista do Governo britânico sôbre o que seria seguro e praticável. A principal dificuldade nasceu da questão fundamental da defesa nacional. Estaria já o Estado do Iraque, como o seu Governo pretendia, capaz de assumir a inteira responsabilidade da defesa nacional? Se não, deveria o Estado do Iraque ser chamado a suportar os encargos

extraordinários de pagamento ao Governo britânico pela necessidade que êste tinha de manter as suas fôrças no Iraque.

.

O problema actual da defesa militar do Iraque que, segundo os tratados dêste país com a Grã-Bretanha, só tem interêsse pelo facto dessa defesa ser principalmente confiada à aviação britânica, reduzindo assim ao mínimo o número de tropas e colocando estas fôrças sob a autoridade única do seu comandante. A guarnição britânica foi reduzida a dois batalhões de infantaria indiana. Em acréscimo ao alistamento de soldados no Iraque, um exército encontra-se em formação sob o comando de oficiais britânicos. Esta fôrça (1928) pode ser calculada em 10.300, organizada em três regimentos de cavalaria, duas baterias de campanha e três de carga, e sete batalhões de infantaria, com as costumadas repartições militares e trem de provisões. Há um Ministério da defesa com um quartel general anexo, e as tropas estão divididas em três áreas militares: Norte, Leste e Sul. A *Royal Air Force* tem ali também três secções de carros blindados.

ÍNDICE

	Pág.
<i>Introdução</i>	9
1. Os Árabes	11
2. Os Inglêses	18
<i>Vida e aventuras de Lawrence.</i>	27
<i>Apêndice.</i>	59
Iraque	60
Movimento nacionalista	62
Campanha da Mesopotâmia	62
Libertação do Iraque	64
Escolha do Rei.	67
Agitações nas fronteiras turcas e árabes	67
Agitação anti-mandato: preliminares do tratado com o Iraque	68
Operações em Mossul	71
Estabelecimento da ordem de Nedjed	71
Ractificação do tratado	72
Aceitação do tratado	72
Segundo tratado, em Janeiro de 1926	74
Terceiro tratado, em Dezembro de 1927	75

Lisboa, 16 de Novembro de 1983
nos saldos ma . . .

INDICE

UMA GRANDE BIBLIOTECA POPULAR

COLEÇÃO «GLÁDIO»

Sob a forma de pequenos volumes sintéticos, escritos num estilo acessível, em que se condensam as noções fundamentais do saber humano — a Coleção GLÁDIO propõe-se fornecer, às inteligências seduzidas de leituras úteis, as respostas para todas as suas interrogações acerca dos máximos problemas da Cultura e da Vida.

A Coleção GLÁDIO será constituída por dez séries, que se distinguirão pelas cores das capas:

- I — **Estudos Religiosos e Filósofos** (série carmesim)
- II — **Horizontes das Ciências** . . . (série azul clara)
- III — **A História e a Vida** (série cinzenta)
- IV — **Questões Sociais e Políticas** . . (série castanha)
- V — **Espírito e Técnica** (série verde)
- VI — **Letras e Artes** (série azul escura)
- VII — **Espectáculos e Desportos** . . . (série laranja)
- VIII — **Figuras Notáveis** (série amarela)
- IX — **Temas da Hora Presente** . . . (série vermelha)
- X — **Páginas Escolhidas** (série lilaz)

Volumes publicados :

- N.º 1 — A Conquista do ar — por Fernando Garcia
- N.º 2 — Vida de Antero de Quental — por Luiz Teixeira
- N.º 3 — Conceito, Evolução e Filosofia da História — por Zacarias Garcia Villada
- N.º 4 — Alberto Sampaio, o historiador das Instituições Rurais (Antologia) — por Franz-Paul Langhans
- N.º 5 — Testamento da Europa — por Eduardo Freitas da Costa
- N.º 6 — Breve história da literatura inglesa — por Alves de Azevedo
- N.º 7 — O Islão na Índia — por Eduardo Dias
- N.º 8 — 1640, Richelieu e o Duque de Bragança — por Rodrigues Cavalheiro
- N.º 9 — O Socialismo e Antero de Quental — por José Tomás de Sousa
- N.º 10 — Natal Português — por Luis Chaves
- N.º 11 — A aventura e a morte no sertão — por Castro Soromenho
- N.º 12 — Os Romanos, latinos do oriente — por Mircea Eliade.

A seguir:

- N.º 1. **BNP** de Queirós — por Luiz



EFG0000981094

4 escudos

ARMO, 8/LISBOA

H.C